

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

SOBRE OS FUNDAMENTOS DA METAPSIKOLOGIA

EDEN GREI CÔRTEZ ARTIAGA

Santa Catarina SC, Setembro de 2009

EDEN GREI CÔRTEZ ARTIAGA

SOBRE OS FUNDAMENTOS DA METAPSIKOLOGIA

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador: Professor Dr. Marco Antônio Franciotti

Santa Catarina SC, Setembro de 2009

SUMÁRIO

RESUMO.....	p.I
ABSTRACT.....	p.II
INTRODUÇÃO.....	p.1
CAPÍTULO 1- CIÊNCIAS NATURAIS e do ESPÍRITO: uma união possível pela <i>Metapsicologia</i>	p.6
1.1. A Metapsicologia.....	p.13
1.2. O determinismo psíquico em Freud	p.19
1.3. A interpretação na construção do conceito metapsicológico.....	p.24
1.4. Derivação Analógica: a busca de uma correspondência entre fenômenos diversos através dos conceitos metapsicológicos	p.29
1.5. O Aspecto formal e a realidade física dos conceitos metapsicológicos...p.34	
1.6. A teoria psicanalítica como um todo coerente.....	p.37
CAPÍTULO 2- ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE PULSÃO...p.41	
2.1. A Questão da Interpretação Psicológica ou da Redução ao Biológico do Conceito de Pulsão.....	p.45
CAPÍTULO 3- ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE RECALQUE	p.51
CAPÍTULO 4- ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE INCONSCIENTE	p.56
4.1. A Tópica	p.57

- A relação do aspecto tópico do *inconsciente (Ics)* com a hipótese funcional do mecanismo de recalque.....p.59

4.2. O Aspecto Dinâmico.....p.65

- A relação do aspecto dinâmico do *inconsciente (Ics)* com a hipótese funcional do mecanismo de recalque.....p.65

4.3. O Aspecto Econômico.....p.67

- A relação do aspecto econômico do *inconsciente (Ics)* com o conceito de *pulsão*.....p.67

4.4. Aspectos Específicos do Sistema *Inconsciente (Ics)*.....p.70

CAPÍTULO 5- A SEGUNDA TÓPICA.....p.75

5.1. – O Dualismo Pulsional em Freud.....p.81

5.2. – Uma Questão Ontológica Inevitável.....p.84

CONCLUSÃO.....p.89

BIBLIOGRAFIA.....p.93

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo encontrar os fundamentos da metapsicologia freudiana, no tocante àqueles valores e metodologias que serviram de suporte para que Freud construísse sua *superestrutura especulativa*. A *metapsicologia* é um dos pilares da psicanálise como forma de conhecimento, junto com a *clínica* e a parte chamada por Freud de *descritiva*. Ela, a metapsicologia, serviu de fundamento teórico para que Freud pudesse lançar luz ao fenômeno psíquico. Essa fundamentação veio na forma de conceitos, tais como: *inconsciente*, *pulsão*, *recalque*, *consciência*, etc. A presente pesquisa tem condições de afirmar que o fenômeno pulsional (*Trieb*), tal como descrito pela metapsicologia, constitui o fenômeno psíquico por excelência, bem como o fundamento mais básico de sua metapsicologia, desde que congrega as características que lançam luz a todo funcionamento (dinâmica) psíquico. A enunciação desse fenômeno também revela uma característica do pensamento freudiano na construção de sua metapsicologia, qual seja, reunir valores e metodologias de diferentes epistemes (áreas do conhecimento) na construção de seus conceitos, utilizando desde pressupostos da biologia, até enunciações mais próprias as discussões ontológicas. Por isso, entendemos que o conceito metapsicológico nasce de um misto entre as *ciências naturais* e as chamadas *ciências do espírito*.

Palavras-chave: epistemologia, metapsicologia, pulsão, ontologia, biologia.

ABSTRACT

This research aimed to find the foundations of Freudian metapsychology, with respect to those values and methodologies that would support that Freud built his speculative superstructure. Metapsychology is a cornerstone of psychoanalysis as a form of knowledge, along with the clinic and called party by Freud's descriptive. She, the metapsychology, served as the theoretical foundation that Freud could shed light on the psychological phenomenon. This statement came in the form of concepts such as *unconscious, instinct, repression, consciousness*, etc.. This research is able to say that the phenomenon of instinct (*Trieb*), as described by metapsychology, is the psychological phenomenon par excellence and the most basic foundation of his metapsychology, since that brings the features that shed light on the entire operation (dynamic) mental. The enunciation of this phenomenon also shows a characteristic of Freud's thought in the construction of his metapsychology, namely, to gather the values and methodologies of different episteme (knowledge areas) in the construction of its concepts, using assumptions from biology, to own utterances more discussions ontological. Therefore, we believe that the metapsychological concept born of a mix between the natural sciences and so-called science of the spirit.

Key-words: epistemology, metapsychology, instinct, ontology, biology.

- INTRODUÇÃO -

A psicanálise foi construída como forma de conhecimento válido (possível) sobre os processos mentais humanos. A maneira como a teoria emergiu trazendo à tona questões referentes à natureza dos processos psíquicos, suas forças, sua dinâmica, exigiu de Freud a enunciação de conceitos que pudessem lançar luz aos problemas levantados. Esses conceitos vieram na forma de uma estrutura especulativa responsável por criar as bases teóricas sobre as quais a psicanálise pudesse enunciar suas hipóteses: a *metapsicologia*. Essa se mostra então como o fundamento teórico para que a psicanálise disserte sobre a psique, revelando-se como um composto que agrega tanto conceitos e pressupostos das ciências naturais, quanto outros conceitos e juízos próprios de questões ontológicas. Dessa junção nasce o conceito *metapsicológico*.

Uma epistemologia da psicanálise parte então, inevitavelmente, do pressuposto de que suas hipóteses podem ser avaliadas como *científicas*, apesar de compreendermos também que Freud operou em sua teoria uma revolução com relação às doutrinas de pensamento que lhe serviam de tradição. Essa revolução vem a nós como um rompimento por um lado, e como uma continuação por outro lado. Localizamos, de maneira geral, as tradições de pensamento que serviram de base para a empreitada freudiana como: de uma parte as doutrinas fisicalistas da medicina e da biologia (mais genericamente falando o positivismo das ciências naturais), e de outra parte o que se conhece de maneira geral como ciências do espírito. Podemos encontrar elementos dessas tradições nas hipóteses psicanalíticas, tais como valores, pressupostos, metodologias, etc., fazendo com que os conceitos que foram criados em meio a essa ambivalência teórica tivessem características híbridas, sendo isso o que estou entendendo propriamente como a revolução operada por Freud.

Por racionalidade científica entendemos aqueles critérios necessários para construção de teorias para que essas expliquem certos fenômenos; esses critérios são, por sua vez, oriundos de nossas capacidades racionais, tais como, analisar, deduzir, inferir, argumentar, etc.. Partindo de questões tais como: a psicanálise pode explicar eventos mentais tidos como não-rationais, a partir da própria racionalidade? Sobre quais critérios científicos está fundamentado o conhecimento da mente, ou do inconsciente? Podemos avaliar quão importantes são as contribuições da psicanálise para a ciência como um todo. Isso também pode nos levar para uma melhor elucidação sobre como podemos construir um conhecimento tendo como objeto a subjetividade humana. Outras questões também surgem inevitavelmente, como por exemplo, se os conceitos psicanalíticos são descrições, no sentido de possuírem uma referência objetiva, ou se são apenas construtos teóricos? Essa reflexão revela a natureza ambivalente dos conceitos metapsicológicos, se mostrando como uma construção teórica inovadora. Tal pesquisa pretende, sobretudo, saber como foi construído o discurso freudiano sobre os processos psíquicos.

Pode ser somado a essa reflexão outro ponto crucial para a filosofia da ciência, a saber, a compreensão de quais caminhos metodológicos produzirão conhecimento adequado dentro dos limites cognitivos estabelecidos por uma tradição científica e; bem como, até que ponto esses limites devem ser considerados. A psicanálise também se mostra altamente fértil na doação de material para esse tipo de exame. Nesta encontramos tanto atitudes de observação, quanto produção de uma conceitualização com alto nível teórico, o que vai contra o empirismo científico no qual a tradição médica ocidental está assentada.

Por se tratar de uma pesquisa epistemológica não entrarei nas questões concernentes à clínica psicanalítica (a não ser para avaliá-la em sua relação com a parte teórica). E ainda, não tratarei de todos os conceitos da psicanálise, mas, tão somente dos

que servem de fundamento à sua metapsicologia. São eles, o conceito de *pulsão* (e com ele os conceitos de *pulsão de morte e pulsão de vida*), de *recalque*, o *inconsciente* e a *consciência*. Obviamente, cada um desses conceitos traz junto de si outros, como por exemplo, o conceito de *pulsão* traz consigo o conceito de *representante ideativo*; o conceito de *consciência* implica outro chamado *pré-consciente*; etc. Todos eles serão também considerados aqui. Também faz-se necessária uma avaliação da segunda tópica nos conceitos de *ego*, *id e superego*, que deverão ajudar a compreender mais precisamente o *fenômeno pulsional* em Freud.

A intenção deste trabalho não é apenas explicitar os conceitos, mas sim mostrar como se relacionam entre si, analisando também a relação dos conceitos com os valores científicos e ontológicos que foram usados para elaborá-los.

Esse tipo de reflexão, mesmo deixando de fora as questões da clínica psicanalítica, deve abordar a relevância de uma teoria metapsicológica no todo psicanalítico, assim como os critérios de verdade adotados por Freud. No entanto, a questão dos critérios de verdade será abordada para avaliarmos as posturas epistemológicas de Freud, e não o problema da referência de seus conceitos no mundo. Tal problema, apesar de ser relevante, ultrapassaria por demais o escopo do presente trabalho. A teoria freudiana, de modo geral, não pode ser apartada de sua pretensão de explicar a realidade psíquica do homem, bem como de sua teleologia terapêutica, na qual percebemos que a teoria inteira, formada pela *metapsicologia*, *clínica* e *parte teórico-descritiva*, forma um todo coerente.

No primeiro capítulo analisaremos a relação que a psicanálise freudiana teve em sua formação com as ciências naturais, bem como algumas questões filosóficas que surgem dessa relação (como a questão do determinismo mental, etc.). É inegável que noções e pressupostos científicos serviram de suporte para a construção de sua metapsicologia. Isso tudo gera a questão do estatuto epistemológico dos conceitos da

metapsicologia. Esses conceitos existem em um lugar entre as ciências empíricas e a pura especulação, e, por isso, sua fundamentação parece depender de duas tradições diferentes, como já exposto. A psicanálise deve ser considerada como inaugurando um novo *lugar* epistemológico ligando essas duas tradições, no sentido de uma teoria que se faz através do diálogo entre dois conjuntos de valores metodológicos diferentes, formando um todo teórico coerente.

No entanto, essa ligação não está livre de problemas. Um dos problemas é se o que Freud faz é descrever fenômenos ou simplesmente criar conceitos, sendo essa uma característica própria ao conceito metapsicológico, a saber, ser descrito como fenômeno ao tempo em que é criado com função heurística pela especulação teórica. Esse ponto será mais amplamente tratado nos capítulos de análise dos conceitos (capítulos, 2/3/4).

Nos capítulos de análise dos conceitos metapsicológicos é feita justamente uma *dissecação* dos conceitos da chamada *primeira tópica* para encontrarmos suas características mais intrínsecas. Nessa análise foram encontradas aquelas características que permitem que os conceitos metapsicológicos, possuindo em seu bojo o determinismo dos fenômenos naturais, pudessem dar conta dos fenômenos clínicos, determinando os princípios regentes dos fenômenos mentais. Assim como será exposto, esses princípios na primeira tópica podem ser reduzidos ao fenômeno pulsional e este, por sua vez, está assentado sobre o *esquema do arco-reflexo* que Freud toma emprestado da biologia.

No capítulo 5 é feita análise de conceitos também com vistas a encontrarmos os princípios que os regem, só que agora no quadro representacional psíquico chamado por Freud de *segunda tópica*. Tal representação possui como fundamento dois conceitos também referentes ao fenômeno pulsional, a saber: *pulsão de vida* e *pulsão de morte*. Esses dois conceitos, da mais alta aspiração ontológica de Freud, acrescentam à

metapsicologia o ingrediente que a configura como um composto de ciência (naturais e do espírito), e ontologia.

O problema do lugar epistemológico da metapsicologia no quadro geral das ciências se entrelaça com a questão sobre o uso de pressupostos das ciências naturais em construções de uma teoria especulativa, dando a presente pesquisa condições de afirmar algo sobre uma *revolução* epistemológica psicanalítica. Por isso, o foco geral do presente trabalho traça um caminho que vai desde o problema geral sobre o status científico da metapsicologia, até essa mesma problematização especificada nos conceitos da mesma teoria. Esses conceitos formam a superestrutura conceitual psicanalítica e revelam-se ainda imbuídos de um ideal crescente no início do século XX, da qual Freud era partidário, sobre a possibilidade de diálogo entre valores e metodologias de várias áreas do conhecimento.

- Capítulo 1 -

CIÊNCIAS NATURAIS e do ESPÍRITO: uma união possível pela metapsicologia

Uma questão que se coloca primeiramente a uma epistemologia da psicanálise é saber onde colocá-la no quadro geral do conhecimento humano após o abandono do *Projeto* (1895). Isso porque, depois que Freud se desvincilhou de uma psicologia estritamente fisicalista, muitos dos comentadores e posteriores contribuintes da psicanálise fizeram uma leitura das hipóteses psicanalíticas como se elas não necessitassem passar pelo crivo da ciência em geral. Ora, se com o abandono do *Projeto* Freud abandonou também a idéia de fazer ciência, então não há a mínima necessidade de se fazer uma epistemologia da psicanálise, pois seria como fazer uma epistemologia da astrologia, ou seja, de algo que não pretende figurar dentro do quadro da tradição de conhecimento científico. Entretanto, não penso ser esse o caso.

Volto, pois, à questão: onde situar a psicanálise?

A resposta pode ser: em nenhum lugar preexistente. A psicanálise teria, nesse caso, operado uma ruptura com o saber existente e produzido o seu próprio lugar. Epistemologicamente, ela não se encontra em continuidade com saber algum, apesar de arqueologicamente estar ligada a todo um conjunto de saberes sobre o homem, que se formou a partir do século XIX. (GARCÍA-ROZA, 1998, p.22)

Freud, aparentemente, abandonou durante sua vida o projeto de colocar a psicanálise no arcabouço das chamadas ciências naturais. Porém uma questão que surge daí é se ele abandonou também os valores e pressupostos que orientam tais ciências. Também aqui não parece ser esse o caso. Isso porque não há como negar a influência que o positivismo teve em sua obra. Se o que Freud fez foi além, ou mesmo ficou aquém do positivismo, é uma questão que também pode ser pensada, visto que algumas características do modo de pensar positivista permaneceram durante toda sua obra.

Por outro lado, Ricoeur aponta a falta de uma abordagem epistemológica na teoria psicanalítica que levasse em conta a perspectiva hermenêutica desenvolvida já em *A interpretação dos Sonhos*. Para ele “ninguém contribuiu mais que Freud para romper o charme do fato e para reconhecer o império do sentido. Todavia, Freud continua a inscrever todas as suas descobertas nesse mesmo contexto positivista que, no entanto, vinham arruinar” (RICOEUR, 1969, 1978, in- RAFAELLI, 2006, p.125)

Ricoeur, entre outros (entre eles o próprio Raffaelli), fala da utilização na psicanálise de valores positivistas na compreensão e fundamentação de fenômenos psíquicos. Essa utilização vai desde valores gerais, tal como a noção de causa e efeito, até pressupostos mais específicos da biologia (que será visto mais adiante). Isso tudo figura como motivos que revelam a intenção freudiana de fazer ciência. Mas porque será que Ricoeur coloca a questão nesses termos, “contexto positivista... que vinham arruinar”? Isso porque, no contexto epistemológico atual a idéia de uma ‘representação neutra’ dos fenômenos da natureza, “o charme do fato”, é um valor já superado. A noção de causa e efeito, o determinismo dos fenômenos naturais, também são alguns pressupostos científicos que tiveram de ser repensados, por causa de teorias como a mecânica quântica, por exemplo. É também inegável que a própria teoria freudiana ajudou a romper com alguns desses valores positivistas. Por exemplo, pelo fato da psicanálise ter surgido como interpretação de fenômenos lacunares faz com que ela coloque em questão a neutralidade das observações, colocando a noção de *interpretação* como forma válida de conhecimento. No entanto, outros valores como a própria idéia de causa e efeito, bem como o determinismo psíquico, fundamentaram muitas teses freudianas, deixando claro que, apesar de ser revolucionária, a psicanálise também é fruto de seu tempo (essas idéias serão trabalhadas mais adiante).

Mesmo sem um lugar definido, no sentido de uma definição metodológica, a pretensão freudiana para a edificação de uma ciência pode ser evidenciada também pela tentativa de explicar a psique individual a partir de certos mecanismos que lhe seriam universais. A proposição de enunciados universais com vistas a explicar casos particulares é

característica peculiar do caminho explicativo da ciência ocidental. Poderiam objetar-me dizendo que Freud não propõe características universais da psique, na medida em que não tenta entender o homem em seu sentido genérico, mas tão somente o homem moderno, ocidental. Contudo, é sabido que toda enunciação que se presta a predicar um todo, mesmo sendo esse todo limitado dentro de um outro maior, é uma enunciação universal. Universalidade científica não quer dizer totalidade plena, mas sim a quantificação de um determinado conjunto. Logo, a pretensão de Freud foi, por exemplo, explicar o funcionamento psíquico de *todo* indivíduo diagnosticado como neurótico.

Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, o apaixonamento pela mãe e ciúmes pelo pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância,... (Freud, E.S.B., v. 1, pp. 358-59)

A questão é, mesmo abandonando o projeto de erigir uma ciência positiva, ou não, Freud permaneceu com a intenção de produzir conhecimento. A metapsicologia seria a ficção teórica criada no intuito de explicar fenômenos psíquicos a partir de construções conceituais. Isso não quer dizer que Freud não utilizou casos concretos de pacientes, mas sim, que a comprovação da teoria a partir de critérios positivos não estava mais em jogo.

o que se encontra em questão, é o estatuto preciso desse tipo de *Naturwissenschaft* que é a psicanálise, aos olhos de Freud. O que lhe confere essa qualidade não poderá ser procurado do lado do caráter natural do objeto, posto que ele versa sobre a esfera psíquica, mas do lado do *modo de tratamento epistêmico do objeto*. (ASSOUN, 1978, p.64)

Nessa citação Assoun toca em dois pontos decisivos para a epistemologia freudiana. Primeiro na questão da consideração dos fenômenos psíquicos como estando apartados dos chamados fenômenos naturais, tendo na esfera psíquica uma classe de objetos diferentes dos objetos naturais. Segundo no fato de que, já que o objeto psicanalítico é diferente, pela peculiaridade de ser mental, então deve ter um tratamento epistêmico correspondente. Aqui

vemos exposta uma problematização que estará presente em toda a obra freudiana, sendo também a chave pra compreensão da sua indeterminação metodológica. É o problema de como encarar os fenômenos mentais, que geram, por exemplo, conceitos como o *inconsciente* e a *pulsão*. Freud os pensou em dois campos de conhecimento distintos, um natural, e outro simbólico. Tais conceitos ora parecem ser extraídos da biologia; e em outros momentos se tornam amplamente metafísicos (uma construção representativa de algo que pretende ser real mas que não possui referência). Mas afinal, como compreender os chamados *fenômenos psíquicos*¹ que estão entre o biológico e o metafísico? E, sendo a metapsicologia um construto teórico responsável por trazer à luz os fenômenos do abismo psíquico, será que cumpre sua missão, ou seja, dá a esses fenômenos o tratamento epistêmico necessário? A metapsicologia seria a resposta freudiana à primeira questão. Contudo, percebemos em sua obra em geral, um “movimento pendular entre o biológico e o metafísico” (Frangiotti, 2008). Esse movimento não foi diferente na própria metapsicologia, de maneira haver uma indefinição sobre se ela é uma conceitualização puramente analítica, ou não. A segunda questão é decorrente da primeira, tratando justamente de saber se a metapsicologia deu o tratamento epistêmico correspondente aos fenômenos que se lhe apresentaram. Escreve ainda Assoun:

Freud convida-nos a pensar uma especificidade da racionalidade epistêmica própria à psicanálise. Podemos atingi-la através do problema-chave da epistemologia freudiana: o estatuto dos conceitos fundamentais (*Grundbegriffe*) que toda ciência natural é levada a postular para tornar possível sua investigação dos fatos. Ora, é através deles que se coloca o problema central da cientificidade: a articulação entre a dimensão especulativa ou racional e a dimensão empírica ou factual da construção científica. (ibidem)

Aqui as duas questões levantadas acima parecem entrelaçar-se pois, se queremos saber se a metapsicologia freudiana cumpre bem seu papel, é inevitável que tenhamos claro o que seja o “fenômeno psíquico”. Isso quer dizer sobre a classificação de tais fenômenos

¹ Há equivalência entre os termos ‘mente’ e ‘psique’ aqui.

dentro do quadro de representação geral das ciências, ou seja, se são fenômenos biológicos, psicológicos, ou ainda, se são um tipo de representação metafísica, ou seja, inexperienciáveis. Essa determinação com relação ao objeto (classe de fenômenos) de uma ciência é o que indica a metodologia a ser usada em seu estudo. Contudo, como exposto acima, a esfera de fenômenos psíquicos e, mais marcadamente na psicanálise, os fenômenos psíquicos inconscientes, não são do tipo naturais, no sentido de estritamente físicos, apesar de que têm estreita relação com fenômenos físicos. Então, a indeterminação com relação à conceitualização psicanalítica é antes uma indeterminação na própria natureza do objeto a que a psicanálise se prestou elucidar. Por tudo, encontramos muitas vezes certas dificuldades na conceitualização freudiana. Essas dificuldades vêm, a meu ver, de sua ambivalência metodológica no tratamento epistêmico dado aos fenômenos estudados. É difícil saber ao certo quais as concepções epistemológicas de Freud. Encontramos em seus textos idéias que às vezes dão a entender uma visão mais próxima da epistemologia de Popper, no sentido de que é a teoria que orienta a observação:

Ouvimos muitas vezes a opinião de que uma ciência deve se edificar sobre conceitos básicos claros e precisamente definidos, mas na realidade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições... No princípio, as idéias devem conter certo grau de indefinição, e ainda não é possível pensar em uma delimitação clara de seu conteúdo. Enquanto elas permanecem nesse estado, podemos concordar sobre seu significado remetendo-nos repetidamente ao material experiencial a partir do qual elas aparentemente foram derivadas; contudo, na realidade esse material já estava subordinado a elas. (FREUD, 1915a, p.145)

Aqui Freud fala da “ciência” em termos gerais, como se falasse da produção de qualquer conhecimento, deixando clara sua posição de que o “material experiencial” está subordinado à conceitualização. Contudo, na citação seguinte, que se refere a um trabalho anterior, Freud parece entender sua pesquisa como sendo fundamentalmente de ordem empírica.

todavia penso ser essa a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência construída sobre a interpretação de dados empíricos. Esta última não invejará de especulação o privilégio de uma fundamentação impecável e logicamente inatacável... afinal, o fundamento da ciência não são essas idéias, mas sim a observação pura sobre a qual tudo repousa... (FREUD, 1914d, p.100)

Aqui vemos um movimento no qual entra a noção de conhecimento, qual seja, ora esse conhecimento é oriundo da observação e da experiência, ora a mesma experiência é subordinada à teoria, o que equivale dizer que a teoria orienta a observação e, conseqüentemente, ajuda a construir o próprio objeto enquanto tal. Poderíamos encontrar até mesmo uma relação de complementaridade entre experiência e teoria, sem nenhum problema para a prática científica. Entretanto, pontuando a discussão na problemática da psicanálise e, especialmente na metapsicologia freudiana, vemos que esse movimento de um extremo a outro parece não ter uma intersecção clara. Muitas vezes há uma confusão sobre se o que Freud está fazendo é criar conceitos que servirão para orientar as observações clínicas, ou descrever fenômenos. É o caso, por exemplo, da ‘clivagem originária’ que dá origem ao sistema inconsciente (tal conceito será pormenorizadamente avaliado no capítulo 3). Ao dissertar sobre ela, Freud parece descrever um fenômeno psíquico. Contudo, tal idéia não pode ir além da especulação generalizante, pois a simples *interpretação* de alguns casos clínicos não leva *necessariamente* a tal hipótese de ‘clivagem originária’, muito menos ao postulado de que isso seja sempre o caso. Por isso, ao falar que a psicanálise é construída sobre a interpretação de dados empíricos, Freud parece não perceber que o que ele faz não é simplesmente descrever fenômenos, mas sim especular sobre suas causas possíveis, estando sua teoria, assim como os fenômenos psíquicos que lhe correspondem, em um lugar epistemológico intermediário, ainda indefinido. Segundo Paul Assoun: “Reconhecemos, assim, a exigência que deu origem a essa realidade epistêmica original e específica que é o *conceito metapsicológico*.” (ASSOUN, 1978, p.66)

Se, então, o conceito metapsicológico gera uma nova realidade epistêmica, exigida inclusive pela própria especificidade do fenômeno psíquico, então uma epistemologia que lhe corresponda se faz necessária, servindo de caminho para a fundamentação de suas hipóteses. Uso o termo *epistemologia* aqui, com o sentido próprio de conhecimento dos valores e da metodologia que orientam a construção de uma ciência, no caso, da psicanálise. Essa metodologia original suscitada pela psicanálise serviria de intersecção entre o campo de significado hermenêutico e valores e pressupostos das ciências naturais. Como são dois campos de significação bastante diversos, deve faltar algo que sirva de ponte para a comunicação dos valores de um e outro. Apesar de não existir nos textos freudianos clareza epistemológica com relação a essa intersecção, ele constrói a conceitualização metapsicológica promovendo intuitivamente essa ligação. Isso é visível nos conceitos, pois, ao tempo em que eles têm como suporte valores e pressupostos das ciências naturais, também são construções que seguem uma linha hermenêutica de pensamento, tendo uma forte acepção heurística. Novamente voltamos à questão de que a psicanálise freudiana é fruto de duas tradições de pensamento, uma médica fisicalista e, poderíamos dizer, de um tipo de empirismo ingênuo, e outra hermenêutica. Uma reflexão epistemológica sobre a psicanálise se depara então com um tipo particular de conhecimento, um tipo tal que transita por caminhos que, grosso modo, existem paralelamente independentes.

Há aqueles que, saindo em defesa da psicanálise, parecem querer tornar supérflua uma análise epistemológica, como se a psicanálise nela mesma já trouxesse os pressupostos epistemológicos que lhe cabem enquanto conhecimento possível.

Respondendo a críticas como essa, Figueiredo (1996, PP. 21- 22) observa que a psicanálise não necessita “ser reconhecida como ciência diante de algum tribunal epistemológico” e deve, sim, confrontar a sua concepção de subjetividade às noções ingênuas dos representantes atuais da ‘velha epistemologia’”(RAFAELLI, 2006, 125)

Nessa citação vemos uma idéia que parece estar implícita também em várias passagens do próprio Freud, principalmente quando este critica a filosofia. Essa idéia é a de que uma crítica aos fundamentos da psicanálise que não leva em consideração a abordagem da subjetividade humana, como pressuposta pela própria psicanálise, não tem validade. Esse pode ser o caso de algumas críticas da veracidade das hipóteses psicanalíticas, ou seja, do seu valor de verdade. Mas não penso ser assim com relação a uma crítica do modo de sua elaboração teórica e, dos valores que fundamentam tal elaboração.

O contexto científico no qual a psicanálise foi forjada influenciou, sem dúvida, as teses freudianas. Valores das ciências naturais permaneceram em sua obra, apesar de sua intenção de se afastar de uma psicologia fisicalista. Essa mesma intenção, que o levou a construir uma metapsicologia, fez com que a psicanálise gerasse problemas epistemológicos novos, em um novo campo de fenômenos, criado teoricamente pela interpretação de casos clínicos. São os chamados ‘fenômenos psíquicos inconscientes’. Esses problemas estão relacionados ao modo de elaboração da teoria no tocante ao estatuto científico dos conceitos, isto é, à superestrutura especulativa psicanalítica chamada: *metapsicologia*. Nesse sentido uma reflexão epistemológica sobre a psicanálise apresenta-se como indispensável.

1.1. A Metapsicologia

A criação de uma parte especulativa é um recurso utilizado na prática científica em geral como auxílio à construção do conhecimento. No caso da psicanálise, a

metapsicologia é essa parte especulativa que serve para lançar luz ao abismo do *inconsciente*. Freud demorou um pouco para estruturá-la como tal. É somente nos escritos de 1915, também chamados de metapsicológicos, que Freud apresenta-nos uma fundamentação da conceitualização que já era usada na clínica psicanalítica.

Apesar de surgir como uma necessidade teórica, a metapsicologia faz brotar no seio da psicanálise e da epistemologia em geral, novas necessidades, na forma de novos problemas, que fazem o diálogo com a filosofia se tornar inevitável.

Ao excluir a especulação filosófica como seu contrário absoluto, a ciência psicanalítica esbarra, não obstante, com um problema particular: o da relação interna de sua parte empírica (fundada na observação) e de seus princípios diretrizes que constituem, de certa forma, sua parte especulativa. Sendo assim, a psicanálise deve confrontar-se com a especulação filosófica que, até então, só reconhecia para demarcar-se dela. Essa parte especulativa da ciência psicanalítica outra coisa não é senão o que Freud chama de a ‘metapsicologia’. Portanto, convém determinarmos seu sentido e seu conteúdo, e colocarmos o problema de sua relação com seu falso alterego, a metafísica. Por esse atalho, o debate com a filosofia, que parecia tão bem regulado, reintroduz-se pelo simples risco de confusão, tornado possível pelo conceito freudiano de metapsicologia. (ASSOUN, 1978, p.64)

A metapsicologia freudiana, apesar de manter uma relação com algum tipo de abordagem metafísica da realidade, foi de todo modo uma ‘metafísica’ diferente. Isso porque não podemos simplesmente separar a metapsicologia do todo da psicanálise para classificá-la de teoria *metafísica*; isso seria um reducionismo. Contudo, as interpretações que se debruçam sobre a parte metapsicológica da psicanálise, conferindo-lhe um caráter metafísico, tem razão de ser na medida em que Freud carrega consigo a pretensão de explicar fenômenos a partir do uso da pura especulação racional. O problema é que, muitas vezes, esses conceitos são confundidos com descrições dos próprios fenômenos aos quais pretendem lançar luz.

Além de necessária e demonstrável, a suposição da existência do inconsciente é também – como já havíamos afirmado – totalmente legítima, pois, como demonstraremos a seguir, ao postulá-la, estamos reproduzindo exatamente o modo como nossa psique opera e lida com essas questões. (FREUD, 1915, p.22)

Nessa passagem do texto sobre o inconsciente, que faz parte dos escritos metapsicológicos, fica clara a contradição, pois o conceito é apresentado como representando “exatamente” o modo de operar psíquico, ao tempo que é postulado, ou seja, uma ficção teórica criada para, nesse caso, servir de base na explicação de fenômenos psíquicos. A questão é: os conceitos metapsicológicos são descrições de fenômenos, ou postulados teóricos? O problema para a resolução dessa questão parece ser de que os conceitos metapsicológicos não são nem uma coisa nem outra, mas existem entre esses dois lugares epistêmicos, ou seja, entre a teoria e o fenômeno que ela quer explicar.

A chave para o entendimento dos conceitos metapsicológicos é que eles existem na fronteira entre conceitos filosóficos metafísicos e conceitos estritamente empíricos: “O Grundbegriff filosófico traduz a exigência de apriorismo radical: exprime, assim, o projeto de dedução universal a partir de certos “postulados” ou “pressupostos” (Voraussetzungen). É essa pré-posição de princípios primeiros que a psicanálise recusa. Todavia, contra a estreiteza da ciência médica empírica, que se fixa de uma vez por todas na esfera dos fatos (Tatsachen) e no mundo da percepção (Wahrnehmungswelt), a psicanálise descobre a exigência de recorrer a conceitos globalizantes para explicar os próprios fatos. (ASSOUN, 1978, p.66)

Vemos exposta a novidade epistemológica que nasce na psicanálise na forma dos conceitos metapsicológicos. Para avançarmos cabe uma ressalva sobre a peculiaridade do objeto psicanalítico, a *psique*. Os fenômenos psíquicos carregam todas essas questões pela sua própria natureza inobservável, incomensurável e inquantificável. Não foi sem motivo que Freud abandonou o projeto de uma teoria fisicalista. Por isso, a própria *psique* enquanto objeto de estudo já é uma construção teórica. Mas, como nos diz Assoun, Freud recusou esse “apriorismo radical” filosófico no entendimento de seus conceitos, tentando referenciá-los no mundo como causas inobserváveis de eventos observáveis, quais sejam, as patologias mentais, sonhos, etc.. Essa tentativa de salvar a metapsicologia de uma especulação teórica vazia de referência acaba por conferir-lhe um caráter fenomênico, afastando-a da metafísica. Por outro lado, hipóteses especulativas que pretendem ser descrição de fenômenos têm, em ciência, que passar pela comprovação da experiência,

sendo que, pela peculiaridade do fenômeno psíquico, essa ‘experiência’ não pode ser controlada e medida como nas ciências naturais. Aqui vemos o limbo em que se encontra o fenômeno psíquico e com ele a própria metapsicologia, sendo esse lugar indefinido, fruto da indefinição do objeto psicanalítico, o lugar que propiciou a novidade da obra freudiana.

Mesmo possuindo uma aproximação clara com a metafísica a metapsicologia não seria uma metafísica pura. Ela dialoga com as outras partes da teoria psicanalítica, quais sejam, a parte chamada por Freud de *descritiva*, e a *clínica*. Por isso a metapsicologia tem sua razão de ser dentro da teoria como um todo e, a psicanálise não é, pois, uma teoria metafísica da realidade.

Isso explica a necessidade que Freud cedo mostrou de elaborar uma metapsicologia, destinada ‘a esclarecer e aprofundar as suposições teóricas subjacentes a um sistema psicanalítico’ (FREUD, 1916, in- FRANGIOTTI, 2007)

Vale ressaltar que a discussão do presente texto não reza sobre se os conceitos metapsicológicos, enquanto pretendem ser descrições de fenômenos, são verdadeiros ou não. Mas sim, como tal pretensão pode ser adequada como forma de conhecimento válido. Por isso temos que nos perguntar sobre a forma de elaboração dessa conceitualização, bem como sobre sua lógica interna, pois, justamente por ser fruto de uma exigência teórica deve também inevitavelmente obedecer a uma certa logicidade. O que me refiro com o termo ‘logicidade’ é a idéia geral do modo de definição e relação entre os conceitos da teoria, ou seja, aquilo que faz com que a teoria seja construída de maneira a ser inteligível a outros. Contudo, acompanhando o raciocínio de que a psicanálise evocou no seio da epistemologia em geral certas novidades, temos que admitir que deva existir uma logicidade própria da psicanálise. A logicidade a que me refiro, própria à psicanálise, se mostra, por exemplo, na questão de que os conceitos freudianos, apesar de possuírem um caráter puramente especulativo, não se desvencilham de sua aceção de descrições hipotéticas de fenômenos.

Isso faz com que os conceitos sejam descritos como fenômenos, ao tempo que são postulados.

assim é preciso enfatizar que a psicanálise se desenvolve a partir dos dados colhidos da análise clínica. Ora, ocorre que as descrições empíricas suscitam questões inevitáveis que não podem ser respondidas com mais experimentos e exigem ipso facto uma “superestrutura especulativa (spekulativen Überbau)”(FREUD, 1925) cuja lógica interna prescinde da realidade experimental. (FRANGIOTTI, 2007, p.4)

Se tal lógica interna na metapsicologia prescinde de realidade experimental, não pode, pois, evitar ser reconhecida como uma argumentação lógica e, por isso, estar sujeita a certas regras. Nesse ponto encontramos dificuldade também por causa da mencionada peculiaridade do saber psicanalítico, pois, é de maior relevância o fato de que a metapsicologia pretende revelar o modo de funcionamento do *inconsciente* enquanto sistema psíquico. O que acontece é que, segundo a psicanálise, o funcionamento do inconsciente é totalmente diverso do modo de operar da consciência, sendo que, as regras lógicas conhecidas, inclusive a idéia de *coerência*, tão cara a sistemas lógicos, são regras da própria consciência. Por isso, algo tem que ficar claro aqui; quando trato da questão da logicidade e da definição dos conceitos metapsicológicos, não estou tratando dos conceitos enquanto fenômenos, como por exemplo, do inconsciente de um indivíduo diagnosticado como neurótico. Esse trabalho reza sobre o aspecto formal dos conceitos de uma teoria geral sobre a psique humana. Como dito acima, o valor de verdade não está sendo colocado em questão.

A descrição metapsicológica tem o papel, então, de apresentar a relação entre os conceitos fundamentais da teoria. Essa relação se dá nos moldes dos processos inconscientes, ou seja, obedecendo às leis deste. “Sugiro chamar toda descrição do processo psíquico que envolva as relações *dinâmicas, tópicas e econômicas* de descrição *metapsicológica*” (Freud, O Inconsciente, p.33). Esses três conceitos, quais sejam,

dinâmico, tópico e econômico, (mais as características específicas do inconsciente que serão tratadas a frente) representam as regras de relação dos sistemas psíquicos, inclusive do *inconsciente*. Por sua vez, esses conceitos, para que sejam inteligíveis, devem obedecer a regras lógicas, que são fruto de uma atividade da consciência. O problema então é que esse operar inconsciente deverá ser traduzido, estando sujeito pelo menos formalmente às regras da consciência. O modo de se fazer isso deve levar em consideração que as operações do sistema inconsciente funcionam de uma maneira tal a parecerem incoerentes à consciência. Encontramos, pois, o problema da metapsicologia ser construída tendo como objeto algo que se comporta justamente em oposição a tradicional exigência de consistência lógica na definição conceitual de uma ciência.

Segundo a psicanálise o *inconsciente* possui uma lógica interna própria, na forma de regras de associação de seus conteúdos. E, de certa forma, a maneira de elaboração da metapsicologia freudiana nascida unindo metodologias diferentes, também acaba por manifestar uma outra lógica. Para ficar mais claro, em uma ciência, genericamente falando, um conceito é dado por sua definição, de maneira tal que esta diga o que tal conceito é, ou representa. No entanto, na argumentação metapsicológica um conceito como o de *pulsão* escapa a qualquer definição, quase como algo que não existe, ao tempo que interfere diretamente na psique, sendo o motor dos distúrbios neuróticos, entre outros. E ainda, como mostrarei a frente, é o conceito chave para o entendimento do funcionamento psíquico dentro da psicanálise.

Se entendemos os conceitos metapsicológicos como modelos teóricos para representar fenômenos psíquicos, caímos no problema da caracterização desses conceitos como possuindo realidade, referência, apesar de serem ficções teóricas. Contudo, se o entendemos como construções teóricas para o auxílio na compreensão de fenômenos, que parece ser mais a intenção freudiana, encontramos duas questões. A primeira é que essas

construções teóricas devem obedecer a certas regras lógicas de definição para que os conceitos não se tornem confusos, ou mesmo, obscuros, apesar de que essas parecem ser características intrínsecas ao objeto estudado. Segundo, que se os valores² que fundamentaram esses conceitos estão relacionados com os valores de ciências positivas, como a biologia, então seu caráter como recurso meramente analítico não parece ser o caso. Contudo, essas são justamente as questões que revelam a novidade epistemológica trazida a tona pela metapsicologia, qual seja, a união entre a especulação teórica própria das ciências do espírito, tendo como método a interpretação de fenômenos lacunares, e valores e pressupostos das ciências naturais, dando aos conceitos metapsicológicos a forma de descrições de fenômenos dados a priori.

1.2. O determinismo psíquico em Freud

Mesmo em sua metapsicologia a psicanálise freudiana utiliza o valor positivista do determinismo dos fenômenos naturais. Na obra *A Interpretação dos Sonhos* Freud nos dá um exemplo de um dos pilares da psicanálise, a saber, a consideração dos fenômenos psíquicos como sendo incontornavelmente *determinados*. Cito Freud:

Eles subestimaram até que ponto os acontecimentos psíquicos são determinados. Não há nada de arbitrário neles. De modo bastante geral, pode-se demonstrar que se um elemento é deixado indeterminado por um certo encadeamento de pensamentos, sua determinação é imediatamente efetuada por um outro. Por exemplo, posso tentar pensar arbitrariamente num número, mas isso é impossível: o número que me ocorrer será inequívoca e necessariamente determinado por pensamentos meus, embora eles possam achar-se afastados de minha intenção imediata. As modificações a que os sonhos são submetidos sob a coordenação da vida de vigília são tão pouco arbitrárias quanto essas. Elas acham-se associativamente ligadas ao material que substituem e servem para indicar-nos o caminho a esse material, que, por sua vez, pode ser sucedâneo de alguma outra coisa. (Freud, 1900, p.548/549)

² A questão de que valores científicos fundamentaram certas hipóteses psicanalíticas será abordado mais a frente no tópico sobre o ‘determinismo’ em Freud e, também no segundo capítulo, sobre valores da biologia, principalmente com relação ao conceito de pulsão.

Essa maneira de conceber os fenômenos que se nos apresentam, apesar de passar despercebida na maioria das vezes como uma ‘verdade evidente’, não pode passar sem um exame minucioso da questão, desde que levemos em consideração à problematização humeana acerca das idéias de ‘necessidade’ e de ‘causa’. Ora, o determinismo natural sugere que os fenômenos aconteçam de uma maneira previsível, uniforme. E realmente a natureza parece assim proceder. Contudo, a idéia de *necessidade* dos fenômenos naturais, segundo Hume, é uma disposição interior, antes que uma *lei natural in rebus*.

Portanto, nossa idéia de necessidade e de causa surge inteiramente da uniformidade verificada nas operações da natureza, na qual os objetos semelhantes estão continuamente conjuntados e o espírito é determinado pelo costume a inferir um pelo aparecimento do outro. Essas duas circunstâncias compreendem toda a necessidade que atribuímos à matéria. (HUME,1996, p.90)

A discussão humeana gira em torno da idéia de que o conhecimento universal (indutivo) só pode ser sustentado pela noção de uniformidade dos fenômenos naturais e, essa noção nos é dada pela experiência repetida de fenômenos semelhantes. É essa a objeção que Freud nos apresenta na obra *Moisés e o Monoteísmo* com relação à utilização do mito de Édipo para interpretar um trauma que deveria acontecer a todos os indivíduos diagnosticados como neuróticos: “A objeção óbvia a isso é que não é possível, em todos os casos, descobrir um trauma manifesto na história primitiva do indivíduo neurótico” (Freud, 1938, p.91) Ou seja, a atribuição de regularidade dos fenômenos naturais é uma disposição do espírito que tem sua razão de ser para determinada classe de fenômenos. Tal classe diz respeito àqueles fenômenos que podemos experienciar de alguma maneira. O fato é que os fenômenos psíquicos tratados pelos conceitos metapsicológicos não são do tipo *experienciáveis*. Isso diz que o *determinismo mental* freudiano é uma maneira, entre outras, de identificar os fenômenos mentais, colocando-os na tradição positivista de pensamento. E isso tudo é feito ao tempo em que a psicanálise inaugura um novo lugar epistemológico.

Aqui novamente encontramos o problema de onde situar epistemologicamente a psicanálise, pois o uso de um valor como o determinismo mental não deve ser visto como gratuito, mas sim como uma decisão epistemológica, ou seja, uma forma de compreender os fenômenos da natureza. Será que essa decisão está coerente com uma conceitualização metapsicológica, sendo seu objeto algo fatidicamente oposto à consciência e sendo o determinismo uma imposição da consciência aos fenômenos do mundo?

A questão da necessidade nos fenômenos naturais carrega também junto de si a idéia de *conexão necessária* entre causa e efeito. Ao adotar o determinismo psíquico, Freud o fez para que pudesse inferir causas necessárias, inaparentes, para os sintomas observados na clínica. Ou seja, na clínica freudiana o assentimento do paciente é algo que diz apenas se as resistências psíquicas foram derrubadas ou não, enquanto a causa de uma ação, ou sintoma, é dada exclusivamente pela interpretação do analista. Encontramos com isso a idéia de que, ao encarar os fenômenos mentais como sendo determinados, a psicanálise torna *necessária* a causa inferida pelo analista³. O problema disso é que as causas inferidas pela psicanálise não são experimentalmente demonstráveis, nem tão pouco reproduzíveis. Isso nos leva a uma diferença essencial com a concepção de causa nos fenômenos das ciências positivas e, principalmente nas ciências biológicas com as quais Freud dialogava mais de perto. A questão é que a causa de uma ação, ou sintoma, é de um tipo diferente de uma causa em um fenômeno físico qualquer (Frangiotti, 2007).

Wittgenstein problematizou a visão psicanalítica da causalidade nos fenômenos mentais. Para ele, a noção de causalidade não pode ser reduzida à idéia de razão (ou motivo) por fazerem parte de *diferentes jogos de linguagem*: “o jogo de linguagem das razões envolve intenções, desejos, expectativas, etc.” (Frangiotti, 2007, p.25), enquanto nunca falaremos que a água espera tornar-se vapor se esquentada pelo fogo, ou que assim

³ Uma questão ética que surge daí seria que o efeito de uma ação determinada inconscientemente torna problemática a atribuição de responsabilidade ao autor da ação.

deseja. São classes de fenômenos que envolvem variáveis demasiadamente diferentes, principalmente porque, enquanto existe uma explicação causal em biologia para um dado fenômeno, podem existir muitas explicações causais para um mesmo fenômeno em psicanálise. Essas explicações podem ser até contraditórias, sem, contudo, que uma seja claramente melhor, ou mais possível do que a outra. E para usar ainda Hume: “*todo efeito é um evento distinto de sua causa. Portanto, não poderia ser descoberto na sua causa e deve ser inteiramente arbitrário concebê-lo ou imaginá-lo a priori*” (Hume, 1996, p.51). Ora, o raciocínio inverso também cabe aqui, ou seja, somente pelo conhecimento do efeito é inteiramente arbitrário a determinação das suas causas, ainda mais com um caráter de *necessidade científica*.

Só para citar um exemplo, um fenômeno tal como é a *pulsão*, algo que está “na fronteira entre o psíquico e o somático” (Freud, 1915, 2000b, p.148), não pode estar dentro dos limites de um determinismo mental. Primeiro, porque não se tem uma experiência direta do referido fenômeno e, sem experiência não há o costume que leva à idéia de conexão necessária com um efeito, mesmo que esse efeito seja experienciável; segundo, que os efeitos da pulsão a rigor não podem ser previstos. Sendo a previsibilidade dos fenômenos a característica mais marcante das ciências ditas positivas, porque é o que dá a confiabilidade real naquilo que inferem.

Um fato preponderante e decisivo para a compreensão de um determinismo dos fenômenos psíquicos é justamente que não se faz ciência do aleatório, ou mesmo do particular. E isso é assim simplesmente porque, ao estudar aquilo que é sempre diferente cairíamos no abismo sem fim das idiossincrasias, sem nunca conseguirmos distinguir o que é uma opinião (*doxa*) de um conhecimento (*episteme*). Essa decisão freudiana é justificada e legítima quando percebemos que uma das partes da psicanálise é a clínica, pilar esse que não pode ser construído sobre a incerteza dos fenômenos mentais (tais como os sonhos).

Ora, desde que não se faz ciência daquilo que é sempre novo, sendo que o eternamente mutante nunca se deixa agarrar por nenhuma *compreensão* (no sentido literal daquilo que não *se deixa prender*), o aleatório não pode ser objeto de conhecimento, pelas mesmas razões que já nos esclarecia Sócrates quando dizia que o domínio da *episteme*, em oposição à *doxa*, é o acordar de idéias *imutáveis* (Col. Os Pensadores, 2000).

Desde que isso tudo seja realmente o caso, então Freud teve que encontrar algo de determinado na indeterminação própria do terreno onde se expressa a vontade (desejo) humana. A *pulsão* seria, pois, essa manifestação contingencial que se expressa no desejo humano, com uma indeterminação ontológica com relação a sua existência (pois o que seria algo que existe e não aparece?), mas que possui uma função determinada pelas mesmas premissas que determinam o equilíbrio fisiológico do ser vivo, no tocante ao seu sistema nervoso, e criam as condições da manutenção da vida. Essa maneira de encontrar uma determinação para aquilo que é aleatório é uma das novidades psicanalíticas.

O corpo de valores subjacente à conceitualização metapsicológica possui um tratamento epistemológico positivista. O determinismo mental é fruto desse tratamento. A forma de pensar positivista é inerente à conceitualização psicanalítica mesmo em sua metapsicologia, o que gera algumas questões refletidas aqui. Uma questão importante é a de que os valores positivistas fazem parte da revolução psicanalítica. Isso é justamente o que lhe garante um lugar epistemológico novo. A metapsicologia foi forjada dentro desse ambiente de revolução epistemológico congregando valores de diferentes tradições de pensamento. Talvez isso também tenha gerado conseqüências não só no corpo de valores, mas também nos conceitos propriamente ditos. Esses conceitos possuem em suas definições métodos e valores de tradições de pensamento que antes da psicanálise existiam paralelamente. O determinismo psíquico é um exemplo e Freud o utilizou, sobretudo, porque precisava dar a sua conceitualização um caráter de *necessidade*, no sentido de que

não se faz ciência do contingente, ou seja, daquilo que é sempre diferente. É isso como veremos que corresponde o sentido da interpretação psicanalítica, a saber, fazer a ponte entre determinações teóricas, a partir de conceitos que aspiram universalidade e, a clínica no outro extremo como o objeto empírico psicanalítico, aquilo que provêm a psicanálise de fenômenos observáveis, os sonhos, as psicopatologias, etc., e que seriam ininteligíveis sem a mediação do conceito psicanalítico.

1.3. A Interpretação na construção do conceito metapsicológico

Uma questão evidente que se refere ao conhecimento do inconsciente é que, para conhecê-lo, este precisa se tornar consciente. Freud percebeu essa questão, mas parece não ter visto nela uma barreira, dado que esse conhecimento seria uma inferência teórica de uma observação clínica. Mesmo sendo feita na consciência, a inferência de um conteúdo qualquer que não esteja nela não fala do inconsciente em si mesmo, mas tão somente das lacunas que deixam em aberto a causa dos eventos mentais patológicos. Essas lacunas são interpretadas como sendo manifestações de um conteúdo inconsciente e, possuem problemas como, por exemplo, que interpretações não possuem um nexos causal necessário com aquilo a que se referem. Desde que não há uma percepção direta do inconsciente temos de avaliar o que seja realmente a *interpretação* psicanalítica.

Mesmo Freud não tendo lhe dado a devida importância, essa é uma questão que acarreta grandes problemas à psicanálise. Por exemplo, diante do fato de não ser percebido

diretamente o conhecimento do inconsciente só pode ser visto de maneira conjectural e não empírico. Conseqüentemente, o postulado do inconsciente mental da maneira que sustentava Freud, ou seja, possuindo um caráter descritivo, estaria comprometido, pois este aspecto nasceria de uma *interpretação*, e não de uma *descrição*. Tal *interpretação* é, sobretudo, problemática, porque é a interpretação de uma falta, marcadamente de uma ‘lacuna’. Ora, desde que Freud valida a percepção interna como forma de conhecimento válido e, também os sonhos e atos-falhos de certa maneira manifestam a sintaxe do inconsciente, então, mesmo o inconsciente pode ser fruto de uma percepção interna no tocante aos seus efeitos. Por isso, a *interpretação* também pode ser vista como uma forma de *descrição* de fenômenos de maneira que os conceitos possam ser visto como “autênticas ficções científicas” (GARCIA-ROZA, 1998, p.114/115).

... o fato de uma teoria emergir de uma série de fatos empíricos (no caso de Freud, de suas observações clínicas), ela implica um conjunto de conceitos que não são retirados dessas observações, mas que lhe são impostos a partir de um lugar teórico. Estes não são pois noções descritivas, mas construtos teóricos que não designam realidades observáveis ou mesmo existentes. São puras construções teóricas ou, se preferirmos, ficções teóricas que permitem e produzem uma inteligibilidade distinta daquela fornecida pela descrição empírica. Esses conceitos não descrevem o real, eles produzem o real; ou, se quisermos, eles permitem uma descrição do real segundo um tipo de articulação que não pode ser tirado desse próprio real enquanto “dado”. São portanto autênticas ficções científicas. (GARCIA-ROZA, 1998, p.115)

Portanto, segundo Roza, a *interpretação* pretendida pela psicanálise tem como modo de ser peculiar sua fundamentação na teoria. Ou seja, essa *interpretação* é produzida pela própria teoria na medida em que o corpo teórico cria o conceito psicanalítico por excelência, qual seja, o *inconsciente*. Por isso a *interpretação* psicanalítica não é só uma maneira de entender um fenômeno, mas também uma forma de validação científica de um conceito dado a priori (independente da experiência). Uma questão em jogo nessa validação e, justamente o que a torna problemática, é a oposição que há segundo a própria teoria psicanalítica, entre os sistemas *consciente* e *inconsciente*. Para tal *interpretação* ser

validada a psicanálise deve então conciliar aquilo que é oposto por natureza, por assim dizer.

tudo o que se sabe sobre o inconsciente, sabe-se na e pela consciência. Para ser conhecido o inconsciente precisa ser traduzido na linguagem que tem sentido no domínio de nossa experiência consciente perceptiva (representacional) ou afetiva... Vemos que os 'dados da consciência' são, também na psicanálise, o ponto de partida da pesquisa científica (LOPARIC, 1985, p.47)

A *interpretação* psicanalítica, além de auxiliar na *construção* dos conceitos da psicanálise, pode ser vista também como *tradução*. Ou seja, *interpretar* o que se passa no inconsciente significa, além de tudo, *traduzir* seu conteúdo para a linguagem que impera na consciência. Linguagem essa que é correspondente ao funcionamento do sistema consciente. Mas não podemos conceber que essa é uma simples tradução, como se passa na tradução de um texto para outro idioma com sintaxes diferentes. Não é só a diferença de sintaxe nos dois sistemas psíquicos que se mostra como um empecilho para a tradução (e isso por si só já é um enorme obstáculo), mas também o fato de que, segundo a mesma psicanálise, os conteúdos inconscientes, marcadamente as pulsões, nunca podem se tornar conscientes.

É como se a psicanálise quisesse teorizar sobre o *noumeno* kantiano. Com o agravante de que a concepção de consciência de Freud também está de acordo com a tradição de Kant e, de acordo com a filosofia kantiana, o *noumeno* é aquilo que a consciência não pode conhecer. Apesar de sua concepção de inconsciente ser revolucionária, sua concepção de consciência é tradicional. É da tradição filosófica kantiana que vem a idéia das condições a priori para o conhecimento. Essas condições possibilitam, ao tempo em que limitam a maneira como a consciência percebe o mundo. Assim, é como se a consciência naturalmente *interpretasse* o mundo a partir de suas

condições a priori, produzindo então uma percepção. Freud, inclusive, utilizou a concepção kantiana como apoio de sua própria. Escreve ele no artigo *O Inconsciente* (1915):

A suposição psicanalítica da existência de uma atividade psíquica inconsciente... podemos considerá-la uma extensão análoga à retificação que Kant propôs para a percepção do mundo externo. Ou seja, assim como Kant nos alertou para que não nos esquecêssemos das contingências subjetivas de nossa percepção e para que não tomássemos nossa percepção como idêntica ao objeto conhecido – objeto perceptível, embora de fato incognoscível –, também a psicanálise nos alerta para que não coloquemos a percepção da consciência no lugar do próprio objeto dessa percepção: o processo psíquico inconsciente. Tal como ocorre na dimensão do que é físico, também o psíquico não precisa de fato ser o que nos parece. Contudo, apesar da comparação acima, na psicanálise temos a vantagem de a retificação que propomos a respeito do funcionamento da percepção interna não oferecer dificuldades tão grandes quanto a da percepção externa. Além disso, é preciso dizer que no nosso caso o objeto interno é menos incognoscível do que os objetos do mundo exterior. (FREUD, 1915, 2000, p.24)

Aqui o pai da psicanálise argumenta que a percepção do inconsciente não teria maiores dificuldades que a percepção do mundo externo e que, pelo contrário, sua enunciação se mostra mais fácil. Essa argumentação é feita tendo como parâmetro a filosofia kantiana. Ora, dois são os problemas aqui, nascidos dentro da própria teoria psicanalítica. O primeiro já aludido acima é de que os dois sistemas possuem sintaxe diferente e, “qualquer que seja o conteúdo do Ics, ele só poderá ser conhecido se transcrito – e portanto modificado e distorcido – pela sintaxe do Pcs/Cs.” (Garcia-Roza, *Freud e o Inconsciente*, p. 81). O segundo é o de que, aproximando os conceitos de *noumeno* e *inconsciente*, e sendo evidente a identificação entre a noção de consciência em Kant e em Freud, então o inconsciente não pode de modo algum ser conhecido.

Entretanto há nesse argumento uma contradição de viés epistemológico, pois o objeto da psicanálise – o inconsciente – pode ser assimilado ao conceito da “coisa em si” (*noumenon*) da filosofia de Kant, aquilo que não pode ser qualificável. Isso gera o paradoxo da epistemologia freudiana: a psicanálise é ciência da natureza e tem por objeto o inconsciente; discorrer sobre o inconsciente é discorrer sobre a coisa-em-si, isto é, sobre o incognoscível. Portanto, a psicanálise seria a ciência do incognoscível, daquilo que, como nota Freud em *O Inconsciente (Das Unbewusste)*, “excede os limites da percepção (interna) da consciência sobre a realidade psíquica”. (FREUD, 1915, 1987, In- RAFAELLI, 2006, p.197)

Além da aproximação evidente entre o conceito de *noumeno* e o de *inconsciente*, ainda existe o agravante de que, sendo a concepção freudiana de consciência a mesma da tradição kantiana, então aquilo que não aparece aos sentidos não pode ser objeto de conhecimento, pois “excede os limites da... consciência”. Entretanto, é fato também que a metapsicologia freudiana inaugura um novo lugar epistemológico, na intersecção entre a metodologia que conhece fenômenos físicos (aqueles que podem ser conteúdo de percepção) e uma outra que produz interpretações e ontologias. É esse lugar que autoriza Freud a dissertar sobre o inconsciente.

Cabe aqui esclarecermos até onde esse ‘dissertar’ é possível. “Processos inconscientes... são legitimamente inferidos porque a hipótese de sua existência é indispensável para explicar comportamentos perceptíveis e efeitos mentais”⁴(Bouveresse, 1996, p.24, trad. do autor). Ora, mesmo o consciencialismo mais dogmático não pode ignorar a especificidade das patologias mentais como objeto de estudo, bem como o fato de que a postulação de um inconsciente mental surge como uma necessidade teórica para a elucidação de questões advindas da clínica. Podemos até dizer que o novo lugar epistemológico da psicanálise se deve primeiramente a uma necessidade imposta por fenômenos clínicos. Contudo, não é o postulado da existência do inconsciente que está em questão aqui. Apesar da filosofia kantiana nada dizer sobre o noumeno, ela não nega sua existência. Por que então o consciencialismo filosófico atual haveria de negar a possibilidade da existência do inconsciente? Não acredito ser esse o caso, mas o problema aqui é que, como diz Assoun: “O in-consciente é um tipo de realidade inconceitualizável desse ponto de vista (do consciencialismo), portanto, informulável.” (Assoun, 1978, p.30/31). E tal impossibilidade nos é dada pelo próprio Freud quando diz que a pulsão,

⁴ “Unconscious processes... are legitimately inferred because the hypothesis of their existence is indispensable to explain perceptible behavioral and mental effects...” (Bouveresse, 1996, p.24).

enquanto conteúdo inconsciente, nunca poderá tornar-se consciente (esse assunto será melhor tratado no cap. de análise do conceito de pulsão).

É exatamente essa a novidade trazida pela psicanálise na medida em que ela se propõe a dissertar sobre o incognoscível. Contudo, traduzindo o inconsciente (incognoscível) para a linguagem da consciência e, ainda, para a linguagem formal da ciência, a psicanálise se choca com os limites impostos, tanto pela capacidade cognoscível humana, quanto pelos muros do paradigma positivista no qual a tradição médica de Freud estava inserida. Como diz Bouveresse sobre os conteúdos inconscientes: "... sua presença pode se manifestar somente dentro dos limites e formas especificados pela teoria, o que não corresponde ao que perceberíamos se nós não estivéssemos impedidos de percebê-los."⁵(Bouveresse, 1991, p.24, trad. do autor). Por isso, os conceitos metapsicológicos são construções racionais frutos de uma interpretação. Essa interpretação tem uma função heurística, na medida em que surge como uma necessidade de elucidação teórica, mas é possibilitada pela própria teoria antes que pelo fenômeno que ela pretende explicar. Vimos que interpretar pode ser descrever efeitos, traduzir, criar, especular sobre as causas possíveis. Uma questão que se interpõe reza sobre o modo que Freud encontrou para unir os conceitos aos fenômenos que eles pretendem lançar luz, fazendo da metapsicologia uma teoria que emerge de um misto de metodologias de várias epistemes para dar conta do fenômenos psíquico.

⁵ "their presence can manifest itself only within the limits and the forms specified by the theory, which do not correspond to what we should perceive if we were not prevented from perceiving them".

1.4. Derivação Analógica: a busca de uma correspondência entre fenômenos diversos através dos conceitos metapsicológicos

Um problema enfrentado por Freud é o de que a parte empírica da psicanálise, qual seja, sua parte clínica é explicada pelos conceitos metapsicológicos. O problema está no fato de que tais conceitos possuem uma independência da clínica na medida em que não é ela que os fundamenta, mas sim a elucubração teórica na forma de uma conceitualização a priori. Ora, mesmo sendo independente da experiência a metapsicologia deve ter algo que se relacione com a clínica, porque é justamente sua função tornar inteligível os fenômenos clínicos. Esse problema foi resolvido porque, mesmo sendo a priori, os conceitos carregam características dos fenômenos aos quais eles lançam luz, permitindo correspondência entre conceitos e fenômenos. A condição de possibilidade dessa correspondência é de que na construção de sua metapsicologia Freud utilizou um processo que deriva hipóteses e asserções de uma episteme (em geral, tal como: biologia, antropologia, etc.) para o entendimento da psique através de características análogas. São essas características que fundam os conceitos metapsicológicos e permitem que eles lancem luz sobre fenômenos clínicos.

O conceito metapsicológico de *inconsciente* (e mais precisamente o conceito de *pulsão*) é fundamentado a partir de hipóteses biológicas. O que Freud faz é relacionar as hipóteses de Fechner (*Algumas idéias sobre a história de criação e desenvolvimento dos organismos*, 1873), que têm bases empíricas, com os princípios reguladores dos processos psíquicos, a partir de características análogas, determinando os princípios pelos quais a psique funciona.

A correspondência entre metapsicologia e clínica, da mesma forma que acontece entre fisiologia e metapsicologia, se dá porque os conceitos metapsicológicos possuem características dos fenômenos aos quais eles lançam luz, ou, no caso da psicofisiologia de

Fechner, possuem características dos fenômenos que servem para fundamentá-los. Essas características são: movimento em direção a uma meta, e quantidade; ou, mais precisamente, aspectos dinâmicos e econômicos. São essas características que revelam a correspondência, tanto entre fenômenos (fisiológicos) e conceitos a priori, permitindo a construção dos próprios conceitos por meio de analogias, quanto entre conceitos metapsicológicos e clínicos. Essas analogias relacionam aquilo que é correspondente nos fenômenos (fisiológicos e clínicos) e nos conceitos.

Ao perceber que os fenômenos psíquicos variavam de intensidade (quantidade) e tinham uma meta (se moviam em direção a), Freud utilizou hipóteses que falavam de fenômenos análogos, contudo, no terreno da fisiologia, para lançar luz aos fenômenos clínicos. Essa premissa é baseada em experimentos com o sistema nervoso, com relação ao aumento e diminuição das excitações nervosas (questões quantitativas), bem como sobre sua dinâmica. Aqui vemos algo que ficará mais claro nos capítulos sobre a análise dos conceitos metapsicológicos mais adiante, a saber, que os fatores econômicos e dinâmicos são o fundamento dos conceitos da metapsicologia. E são essas características que pretendem ser relacionadas aos fenômenos clínicos, tornando-os correspondentes aos conceitos metapsicológicos, permitindo-nos dissertar, formar juízos, sobre eles.

Os conceitos metapsicológicos são a priori e, ao mesmo tempo, permitem-nos compreender fenômenos sobre a história do indivíduo (no tocante aos seus sonhos, sintomas, etc.). Isso faz com que fenômenos contingentes (clínicos) se unam a conceitos, a partir de características correspondentes, com vistas a adquirirem determinação e, com isso, poderem ser compreendidos. Essa união se configura pelo que o professor Oswaldo Giacoia chama de *derivação analógica* (GIACOIA, 2008), e que, segundo ele, constitui a metodologia psicanalítica na construção da metapsicologia. A referida metodologia busca encontrar analogias (correspondência) entre fenômenos psíquicos e valores e premissas de

outras ciências que não estudam a psique. Assim a *derivação analógica* consiste basicamente em ligar preceitos de ciências naturais (no caso a biologia) a fenômenos clínicos, ou humanos em geral (como mitos, jogos infantis, sonhos, instituições sociais, etc.), por meio de conceitos. As analogias usadas são aquelas características que podem ser predicadas tanto em fenômenos determinados, quanto naqueles contingenciais. Essas analogias permitem-nos interpretar e comparar fenômenos de diferentes epistemes (como o comportamento celular dos protozoários e as psicopatologias) e, que por sua vez, utilizam diferentes *jogos de linguagem* (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, 1999), além de diferentes métodos na produção de suas hipóteses e juízos. Essas analogias chegam a extremos na obra *Além do princípio do prazer* (1920), como quando, por exemplo, Freud relaciona o mito platônico dos seres andróginos ao comportamento dos protozoários, tendo como possibilidade de se constituir essa relação pela utilização do conceito de *pulsão de morte*.

O mecanismo próprio ao funcionamento da *pulsão de morte* no texto citado é o fenômeno da *compulsão*. Esse mecanismo, a compulsão, tem como função possibilitar a comparação, promovendo a partir daí uma relação analógica entre fenômenos distintos; no caso, uma explicação baseada em um mito e explicações que provêm de experimentações próprias à biologia. Essa analogia, por sua vez, carrega em si a característica que pode ser predicada tanto a conteúdos do mito quanto a fenômenos biológicos, na forma de um aspecto *dinâmico* dos fenômenos que podem ser distinguidos como compulsivos. Essa dinâmica compulsiva possui a tendência a um estado anterior das coisas, por isso tende a repetição, desde que esse estado não seja alcançado. Ora, essa característica de repetição pode ser relacionada tanto com a premissa biológica fundamental do conceito de *pulsão* (esquema do arco-reflexo), quanto a certos mecanismos nas células dos protozoários e fenômenos clínicos. Diz Giacoia:

O conceito de compulsão à repetição constitui um eixo central nesses dois trabalhos (*Além do princípio do prazer* e *O ominoso*), pois dá conta de um fenômeno observável tanto no comportamento infantil quanto em psicopatologias tratadas pela psicanálise, ensejando, portanto, um confronto baseado em um regime regrado de analogias. (Giacóia, 2008, p.17).

O que Freud faz é um processo que parte de uma premissa fundamental, demonstrável e universal o bastante para dela, por derivação analógica, chegar a explicar algo tão obscuro quanto é a subjetividade humana e suas manifestações (sonhos, chistes, etc.). Essa analogia é possibilitada pelo conceito metapsicológico na medida em que ele traz consigo uma *determinação* possível aos fenômenos psíquicos. A metapsicologia é, então, aquela compreensão abstrata que possibilita, por exemplo, a união de fenômenos aparentemente contingentes (fenômenos clínicos) a premissas de uma ciência extraída de fenômenos determinados (fisiologia) por meio de analogias. Essa é a lógica própria subjacente à metapsicologia e também o fundamento da psicanálise como possibilidade de conhecimento. Novamente sobre o conceito de *pulsão* diz Giacóia:

Esse conceito institui, pois, uma espécie de infra- (super) estrutura teórica para as especulações metapsicológicas de Freud. Parte-se dele, portanto, para obter um encadeamento sistemático dos fatos psíquicos, em analogia com o que ocorre com a causalidade nas ciências experimentais, servindo de base para o estabelecimento de relações sistemáticas de analogia estrutural e funcional entre séries de fatos aparentemente desprovidas de conexão e articulação. (Giacóia, 2008, pp.34/35)

A possibilidade de se tecer analogias entre diferentes âmbitos do pensamento e dos fenômenos humanos revela uma permeabilidade possível entre as diversas correntes de pensamento com relação à troca de valores, pressupostos e intuições. Essa miscigenação simbólica, que teve voz na teoria psicanalítica, pode ser sentida em outras formas de expressão humana, como na voz de outros cientistas (Charles Darwin), poetas (Goethe), escritores (Aldous Huxley, Júlio Verne), religiosos (Allan Kardec), etc., onde certos valores e pressupostos da ciência podem ser usados em literatura e, certos símbolos, imagens, que

são usadas em literatura e religião podem também ser comparados a intuições e asserções científicas. É isso, por exemplo, que no prólogo da obra *A origem das espécies* (de Charles Darwin), o tradutor da edição espanhola Angeles Cardona nos diz a respeito do autor:

Prescindindo do valor científico incalculável que possa este diário de um naturalista que anota minuciosamente suas observações durante uma viagem que durou cinco anos e cuja finalidade era científica também, o estilo em que Darwin se expressa nele é tão atrativo, tão elegante, dentro de sua claridade, e tão pouco afetado, que bem poderíamos incluir a obra em uma coleção que quisera ressaltar seu valor literário. (Darwin, 1979 (1859), pp.7/8; trad. do autor)

Esse prólogo a edição em espanhol possui um título que também dá voz ao que afirmo: *A origem das espécies e sua influência na filosofia, na história, na literatura e nas idéias lingüísticas da segunda metade do século XIX* (Ibidem). É incontornável a influência de teorias como a de Darwin, e também de Freud, em todos os âmbitos de nossa cultura ocidental. Essa influência se dá justamente na permeabilidade da capacidade representacional do pensamento, que se alimenta fartamente de analogias, e as cria, como quem realiza aquilo que lhe é próprio. Isso tudo revela que os limites das diversas formas de expressão humana (arte, religião, ciência, filosofia) não são tão rígidos quanto possam parecer. Mesmo se constituindo em diferentes *jogos de linguagem*, pode haver algo que se relacione desde que tudo se dá, genericamente falando, pelo pensamento.

A psicanálise, por ter a subjetividade como terreno de estudo, é confrontada inevitavelmente por questões cognitivas, desde que o conhecimento do inconsciente interfere diretamente na noção de consciência, bem como na idéia que se tem de *cognição*. Também questões ontológicas com relação à natureza das forças psíquicas se impõem por causa das respostas freudianas aos problemas enfrentados. Ao atribuir certas características aos fenômenos psíquicos (como é o caso da quantificação desses fenômenos) tentando resolver problemas cognitivos com relação à possibilidade de um conhecimento da mente, Freud inevitavelmente suscita em seus conceitos uma *realidade substancial*, que por sua

vez traz novas questões à psicanálise. Essas questões ultrapassam os limites impostos pelas ciências especializadas, fazendo com que a psicanálise tenha se confrontado com questões referentes à biologia, a ontologia (que será melhor tratado no cap.5), a epistemologia, etc.; e, com isso tenha se utilizado das *analogias* como um recurso não só possível, mas também imprescindível.

1.5. O aspecto formal e a realidade física dos conceitos metapsicológicos

Outra questão problemática na teorização psicanalítica é o caso da desubstancialização do inconsciente. Ao ressaltar a natureza puramente formal do inconsciente, bem como ao distanciar-se da neurofisiologia na localização dos “lugares mentais”, Freud parece distanciar-se também dos aspectos tópico, dinâmico e econômico do inconsciente. Talvez isso não seja tão grave no caráter tópico, pois os “lugares mentais” não precisam ser lugares físicos. Com relação à dinâmica das forças mentais a situação é diferente por ser muito difícil conceber forças que se movimentam por determinados caminhos e obstáculos, sem que essas forças possuam substância. Se por acaso trocarmos a palavra “força” por “conteúdo psíquico” a situação não muda muito, dado que “conteúdo” é outra palavra que remete a idéia de substância. O caráter econômico talvez seja o mais problemático, visto que está estreitamente ligado à idéia de quantidade e, conseqüentemente, à idéia de algo que é quantificável, logo, algo que tenha substância.

É compreensível a elaboração freudiana de um inconsciente puramente formal, visto que, em muitos momentos de sua obra Freud parece querer se distanciar da ciência que lhe servia de tradição. Esse distanciamento é na verdade um movimento pendular

entre tradições de pensamento que influenciaram-no como o positivismo e também a hermenêutica e a ontologia⁶. Porém, ao tentar fazer uma ruptura com mais de dois mil anos de filosofia ocidental, e sua tão característica substancialização de entidades abstratas, Freud foi muito descuidado em sua conceitualização, utilizando palavras demasiadamente carregadas de sentido, com o agravante de que esse “sentido” era justamente o que ele queria evitar. Termos como, por exemplo, “quantidade de excitação”, “carga de investimento”, etc., remetem inevitavelmente à idéia de algo que pode ser quantificado, logo, algo que exista como substância. Diz ele em *O Ego e o Id*: “...existem idéias ou processos mentais muito poderosos (e aqui um fator quantitativo ou *econômico* entra em questão pela primeira vez) que podem produzir na vida mental todos os efeitos que as idéias comuns produzem...” (FREUD, 1997, p.12). Resta saber ao certo se o erro de Freud foi ter usado palavras sem critérios de exatidão epistemológica, ou se existe realmente contradições na definição de seus conceitos de maneira a tornar insustentável a utilização deles. Voltamos novamente à questão dos conceitos tidos com realidades físicas em contradição com a idéia de que são apenas construções meramente formais, sendo essa uma ambivalência oriunda tanto do lugar epistemológico inaugurado pela psicanálise e, sobretudo, por uma ambivalência com relação à natureza do fenômeno psíquico (essa idéia será mais trabalhada na discussão sobre o conceito de pulsão).

Pontuando a discussão no conceito de inconsciente e, sendo essa a pedra de toque da teoria freudiana, penso ser tal conceito complicado não só com relação à questão que reza sobre o possuir, ou não, referência. Como exposto acima, o conhecimento do inconsciente é oriundo de deduções de eventos não observáveis. Ou seja, além de “identificar” as lacunas, a psicanálise ainda tem que traduzir, através de deduções

⁶ A influência da hermenêutica foi mais metodológica como uma espécie de autorização para se constituir uma interpretação possível dos fatos a partir de construções conceituais, assunto tratado no subtópico 1.3; a influência ontológica será melhor avaliada no cap. 5.

orientadas por conceitos metapsicológicos, algo que é oculto pela própria dinâmica mental. Com o agravante de ser a dinâmica inconsciente inteiramente diversa da consciente. Por tudo, uma conceitualização dessa natureza que possua ambigüidades torna-se complicada, apesar de que, como já exposto, tais ambigüidades serem fruto de uma questão epistemológica com relação à produção da conceitualização psicanalítica. É o conceito psicanalítico, junto com seu objeto: a psique, que escapam a malha de representação das tradições de pensamento e conclamam uma nova forma de representação.

Por exemplo, no caso do conceito de *economia* nos processos mentais inconscientes é culturalmente difícil conceber algo que possa ser quantificável, não necessariamente com exatidão, e que não possua substância. O ponto é que Freud não se distanciou totalmente das ciências positivas. Com isso, a metapsicologia parece estar entre a exigência de uma ciência formal especulativa, e o forte apelo de valores empíricos, criando assim uma nova espécie de ontologia, talvez uma “ontologia aplicada”. Vejamos como isso é possível:

É a propósito dessa questão do estatuto heurístico dos *Grundbegriffe* que se realiza o confronto da *démarche* psicanalítica com a filosofia... o estatuto misto do regime epistêmico da própria psicanálise. Contra a oposição determinada da medicina, a filosofia é introduzida como um recurso legitimamente esperado... A estreiteza da concepção médica da metodologia das ciências naturais justifica a evocação da dimensão especulativa. (ASSOUN, 1978, p.65)

Ou seja, o conceito metapsicológico tem sim um caráter puramente especulativo, portanto, não referencial. Mas também possui uma função heurística dentro da teoria para torná-la inteligível. Função essa que também se relaciona com a parte empírica (clínica) da psicanálise e, deve unir as dimensões especulativa e empírica. É justamente o caráter heurístico dos conceitos metapsicológicos que faz com que eles tenham que ser especulativos, como hipóteses daquilo de que não se tem experiência, sem deixar de lado

os problemas reais ligados à clínica. Por isso escreve Freud: “a concepção quantitativa ‘deriva-se diretamente de observações clinicopatológicas, sobretudo das relativas às idéias excessivamente intensas’” (Freud, ESB, v. I, p.395. In- García-Roza, 1998, p.48).

Continuemos então tomando como exemplo o aspecto econômico, ele é responsável por mapear as quantidades de conteúdos inconscientes com relação às suas grandezas e mudanças. Isso não quer dizer que o inconsciente possui, como sistema, uma parte responsável por tal mapeamento. O mapeamento dessas quantidades e de suas mudanças já faz parte da função heurística do conceito de economia, ou seja, seu uso teórico como ferramenta para a elucidação de outros conceitos a ele relacionados. Contudo, é fato que, sendo conceitos formais, os conceitos metapsicológicos também se relacionam com valores empíricos. “já vimos que a proposta de quantificação em psicologia remonta a Herbart e que está ligada à própria exigência de cientificidade dos saberes do século XIX. Freud não se esquivou a essa exigência” (GARCÍA-ROZA, 1998, p.48). Tanto não se esquivou que sua obra é imbuída dessa mesma exigência de cientificidade visível na utilização de valores positivistas, como por exemplo, o *determinismo dos fenômenos naturais*. Dessa forma, Freud constrói o conceito de inconsciente como um sistema puramente formal, sem deixar de lado seu aspecto biológico a partir da noção de substância e quantidade, bem como a idéia de que, mesmo os fenômenos inconscientes seguem uma determinação de maneira que nada na natureza pode ser visto como aleatório. O conceito metapsicológico possui, então, tanto um apriorismo que o identifica com uma teorização especulativa, quanto uma identificação com a tradição médica positivista que lhe dá contornos fenomênicos.

1.6. A teoria psicanalítica como um todo coerente

Cabe-nos para fins de reflexão e esclarecimento dos problemas levantados até agora, lançarmos um olhar mais abrangente sobre a psicanálise, percorrendo, de maneira breve, o caminho desde seus fundamentos até seu fim. Os fundamentos dizem respeito à elaboração teórica e foram tratados nos tópicos anteriores. O *fim* próprio à teoria psicanalítica, entendendo-a como teoria terapêutica, é a cura. Não é o caso do presente trabalho discutir a eficácia da terapia proposta pela psicanálise, mas sim de avaliar como a clínica psicanalítica forma um todo coerente com as especulações metapsicológicas, o que também lança luz sobre algumas questões que estão sendo levantadas aqui sobre a construção de uma metodologia propriamente psicanalítica.

Trazer para a discussão a parte da teoria responsável pela clínica leva-nos inevitavelmente a uma reflexão sobre o método psicanalítico de *associação livre*. É esse método que dará condições do processo de análise alcançar aqueles conteúdos que impedem a descarga de certas quantidades de energia psíquica, gerando o sintoma patológico. Uma primeira questão que surge é a determinação do que seja uma patologia. E isso é um ponto chave para a compreensão psicanalítica porque é na relação entre o patológico e o normal que a psicanálise constrói uma teoria geral sobre a psique humana. A diferença entre um e outro, segundo a psicanálise, é de ordem muito mais quantitativa do que qualitativa, por existirem igualmente todos os elementos qualitativos tanto no indivíduo normal quanto no sintomático. “Ora, a pesquisa psicanalítica não encontra quaisquer distinções fundamentais, mas apenas quantitativas, entre a vida normal e a neurótica;” (FREUD, 1900, p.399)

Por isso, o método psicanalítico de associação livre consiste em identificar no discurso do analisado a mesma lógica que permeia o comportamento dos fenômenos inconscientes. Aqui podemos ver um erro de compreensão possível se entendemos que Freud, dizendo que o *inconsciente* tem sua própria sintaxe, na forma de uma outra coerência, dá um hábeas corpus a qualquer discurso como possuindo sentido (semântico). Analisando a sintaxe inconsciente (e com ela os sonhos e o próprio discurso neurótico) vemos que o sentido do discurso é o escoamento de carga, ou seja, sua inteligibilidade se dá pela compreensão metapsicológica do princípio que rege a psique, a saber, o *princípio de prazer*. Os meios para que esse escoamento aconteça consistem em deixar o discurso (do analisado) se desprender daquelas regras de associação próprias da consciência, deixando assim que certas cargas inconscientes reprimidas possam penetrar nos representantes ideativos que se ligam à cargas conscientes (aqueles conteúdos que não estão reprimidos e que, por isso, não tem impedimento direto de ligação com conteúdos inconscientes). Enfim, esse é um sentido teleológico de escoamento de carga, não semântico. A associação livre, por sua vez, serve para burlar conscientemente as barreiras impostas pela consciência (essa barreira é o mecanismo de recalque que será avaliado a frente).

Por outro lado a maneira como Freud quer derrubar as barreiras da consciência se dá utilizando de uma *interpretação* que não deixa de ter atributos como coerência e significado, desde que o discurso produzido pela psicanálise possui um sentido dado na consciência. Isso de nenhuma forma é incoerente com o método clínico de *associação livre*, formando pelo contrário um todo coerente entre conceitos metapsicológicos e clínica.

... hipóteses e especulações metapsicológicas devem ser *coerentes* com a experiência clínica e, de um modo mais geral, com a experiência consciente, bem como devem sê-lo umas com as outras. (Loparic, Esboço do Paradigma winnicottiano; In- Giacóia, 2008, p.23)

Vemos então que, apesar de serem opostos por natureza, conteúdos conscientes e inconscientes mantêm uma relação determinada por certas regras. Sendo essas conhecidas a partir dos conceitos metapsicológicos a psicanálise desenvolveu um método para interferir diretamente em tais regras. A barreira da consciência tem um aspecto histórico⁷ que está relacionado à regra de associação do sistema consciente (Cs\Pcs) e, que pode ser transposto desde que se despreze sua sintaxe. Isto é justamente o que a associação livre pretende: desprezar as regras da consciência, fazendo surgir nela os conteúdos desejosos de escoar suas cargas de investimento e, que são impedidos por essas mesmas regras. Com isso, vemos de maneira sucinta que a psicanálise, no tocante a relação entre conceitos metapsicológicos (e a maneira como esses representam os processos psíquicos) e clínica, forma um todo teórico coerente. Essa coerência revela que, apesar de ficções teóricas, os conceitos metapsicológicos são construídos como se fossem fenômenos e, utilizando-os na clínica, o que se pretende é uma interferência direta em conteúdos psíquicos reais, por isso, sua característica acepção de substância.

⁷ Isso será melhor tratado no cap. 5.

- Capítulo 2 -

ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE

- PULSÃO -

Aquém do imaginário, situa-se o impensável: a pulsão (FREUD, 1915a, p.162)

Podemos iniciar essa exposição a respeito do conceito psicanalítico de *pulsão* ressaltando o quão importante ele se faz dentro da teoria, bem como o quão problemático é tal conceito. Para ilustrar o que digo podemos usar palavras do próprio Freud, onde ele diz: “a teoria das pulsões é a parte mais importante da teoria psicanalítica embora, ao mesmo tempo, a menos completa” (Freud, E.S.B., vol. V11, p.171). Tentando lançar um olhar sobre a psicanálise como um todo, com vistas a entender porque Freud coloca a teoria das pulsões como a parte mais importante de sua obra, vemos que o ‘fenômeno pulsional’ é o que realmente dá origem à contenda subjetiva que culminará na estrutura psíquica humana, tal como descrita pela psicanálise. Esse ‘fenômeno’, enunciado pela teoria das pulsões, é o motivo instaurador da divisão tópica da psique, sendo conseqüentemente responsável pelo surgimento do inconsciente. Se a psicanálise é então uma teoria que se opõe às psicologias da consciência, por ser um discurso que se fundamenta justamente na teorização sobre o inconsciente, é na teoria das pulsões e, sobretudo no conceito de ‘pulsão’, que ela encontrará apoio para se construir.

A palavra *trieb* (*pulsão*) já havia aparecido com um sentido não conceitual, mas sim terminológico, em textos de Freud dos anos 1890, inclusive no cap. 6 de A

interpretação dos sonhos (1900). Nesses textos a ‘pulsão’ ainda não havia adquirido o peso que lhe seria próprio posteriormente e, sua elaboração ainda não existia como um conceito fundamental da psicanálise. Isso se faz sentir através do emprego de diversos sinônimos, tais como, excitação pulsional (Triebregung), moção de desejo (Wunschregung), estímulo pulsional (triebreiz), entre outros. Tais sinônimos sugeriam um caráter descompromissado, ou por outra, indefinido, no emprego da idéia de pulsão. É no texto: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905); que esse termo ganha ares conceituais, apesar de que Freud o utiliza dando a entender, ora como designando forças físicas, estímulos provenientes do corpo, ora representando psiquicamente tais estímulos, sendo por isso constituído na psique.

É no artigo *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915) que Freud elabora metapsicologicamente o referido conceito, conferindo-lhe um valor mais significativo dentro da teoria. Entretanto, já se precavendo das dificuldades que ali seriam encontradas, no início do texto ele argumenta sobre a necessidade de reavaliação imposta por questões daquela natureza, deixando a entender que o que ele fazia estava longe de ser definitivo. Não é sem razão que essa é a parte da teoria considerada por ele como a “menos completa”, pois o tema se engendra em meio às questões que vão além da especulação teórica pura. Isso é assim porque segundo Freud, “a ‘pulsão’ nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático...”⁸ (Freud, 2004a, (1915), p.148).

A enunciação propriamente dita do conceito é feita basicamente por meio de outros termos teóricos, as características da “pulsão”. São elas: *pressão; meta; objeto e fonte*; além, é claro, daqueles conceitos que se relacionam diretamente ao conceito de *pulsão* por serem seus ‘representantes psíquicos’. Tais ‘representantes’ são o que realmente aparecem na psique, sendo que a *pulsão* “nunca se dá por si mesma (nem a nível

⁸ Esse conceito carrega, sobretudo a marca do problema entre mente e corpo; problema esse não desenvolvido por Freud.

consciente, nem a nível inconsciente), ela só é conhecida pelos seus representantes: a *idéia* (*Vorstellung*) e o *afeto* (*Affekt*)” (Roza, 1998, p.115). O que Roza está chamando de *idéia* tem como sinônimo o *representante ideativo*, que é uma inscrição psíquica da *idéia* recalçada, ou por outra:

“é um dos registros da pulsão no psiquismo (o outro é o afeto)... é o que constitui, propriamente, o conteúdo do inconsciente (pois o afeto não pode ser inconsciente) e também aquilo que constitui o inconsciente, já que é sobre ele que incide o processo de recalçamento... uma pulsão não pode ser recalçada; o que é recalçado é o seu representante ideativo. (Ibidem, p.117)

A pulsão não pode ser recalçada pelo simples motivo de que não é ela que aparece na psique, mas tão somente seus representantes. O outro representante psíquico da *pulsão* é o *afeto*, que é, propriamente, “a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional. O afeto e o representante ideativo são independentes... não se pode, a rigor, falar em ‘afeto inconsciente’; a nível inconsciente o afeto tem de se ligar a uma *idéia* (representante ideativo)” (Ibidem, pp. 117/118).

Com relação às características próprias do conceito de *pulsão* temos o seguinte: pelo termo *pressão* é entendido “seu fator ‘motor’, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa” (Freud, 2004a, (1915), p.148). Segundo Freud, essa é a essência da pulsão.

“A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação” (Ibid.) O termo satisfação tem aqui a conotação de eliminação do estímulo causado pela fonte pulsional.

“O *objeto* da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar satisfação” (Ibid., p.149). A *idéia* de um *objeto* pulsional vem apoiada pela noção de *meta*, pois o ‘objeto’ não precisa ser nada exterior ao corpo, ou mesmo real, mas tão somente um meio para se alcançar a suspensão da *pressão* pulsional.

A *fonte* pulsional é sem dúvida sua característica mais problemática, devido ao grau de importância que possui dentro do conceito. “e muito embora o elemento mais decisivo para a pulsão seja sua origem em uma fonte somática” (Ibid.), por isso mesmo, seu conhecimento foge do campo das questões psicológicas. Ao discorrer sobre o tema, Freud é sucinto e genérico, “Por *fonte* da pulsão entendemos o processo somático que ocorre em um órgão ou parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão” (Ibid.).

Entretanto, mesmo admitindo não ter bases seguras no conhecimento das fontes pulsionais, e ressaltando que não cabe à psicologia trazer luz a tal conhecimento, podemos encontrar no texto *Três Ensaios sobre a Teoria da sexualidade* a idéia de que a pulsão possui um *apoio* no instinto. “Em sua origem ela se apóia em uma das funções somáticas vitais” (ESB, v.VII, p.187). E ainda:

Esse *apoio* pode ser um equivalente à fonte somática, desde que ele se constitui em um momento em que a pulsão ainda é uma coisa só, bem no início da vida psíquica, o Eu se encontra totalmente tomado por pulsões e em parte é capaz de satisfazer tais pulsões em si mesmo. (Ibid., p.158)

A distinção entre pulsão sexual e pulsão do Eu (autoconservação) acontecerá após essa fase *narcísica*. Seguindo esse raciocínio, García-Roza escreve: “A pulsão é o instinto que se desnaturaliza, que se desvia de suas fontes e de seus objetos específicos; ela é o efeito marginal desse apoio-desvio. A fonte da pulsão é, pois, o instinto” (García-Roza, 1998, 120). Mesmo se apoiando no instinto, a pulsão não se reduz a ele, ou seja, não se reduz a sua “fonte somática”. O que realmente caracteriza a pulsão é que ela se constitui como *desvio* do que é natural. É também justamente essa ruptura com o natural que provocará a distinção na pulsão entre: *pulsões sexuais* e *pulsões do Eu*, (ou de *autoconservação*).

Freud classifica as “pulsões originais”, na primeira tópica, diferenciando-as em “*pulsões sexuais*” e “*pulsões do Eu*”. Ele faz essa diferenciação a partir do conhecimento das metas pulsionais, já ligando a idéia de meta à noção de *princípio do prazer/princípio da realidade*. A meta ligada ao princípio do prazer é aquela que busca simplesmente a satisfação da pulsão, percorrendo para isso o caminho mais fácil, a fantasia. A meta ligada ao princípio da realidade também busca a satisfação, contudo, pela via da realidade. As *pulsões sexuais* são regidas pelo princípio do prazer; as *pulsões do Eu* pelo princípio da realidade.

2.1. A questão da interpretação psicológica - ou da redução ao biológico - do conceito de pulsão

Por existir em um limbo que está entre uma designação biológica e, uma outra psicológica, o conceito de pulsão carrega consigo uma dificuldade de determinação própria de questões que não se situam em uma só episteme, necessitando, por isso, de uma nova compreensão da disciplina científica na qual se situam.

Todos esses aspectos apontam para uma desconsideração por parte de Freud das implicações filosóficas de suas descobertas, não subordinadas ao campo das ciências da natureza, mas ainda não formalmente incluídas nas ciências humanas. (Rafaelli, 2006)

Mas dentro da teoria freudiana o que seria, claramente falando, esse limbo onde existe o “fantasmagórico” conceito de pulsão. Se ele é manifestação de fenômenos físicos, apesar de não ser físico; ao tempo em que é representado na psique por uma idéia (representante ideativo) e, por uma quantidade de afeto, não estando por isso na psique; onde está a “pulsão”? Ou ainda, o que é a “pulsão”? García Roza, comentando essa questão, diz o seguinte: “Evidentemente, Freud não pretende com isto postular uma nova substância entre a *res cogitans* e a *res extensa*, mas apontar o fato de que se trata de um

conceito que articula o anímico e o somático.” (García-Roza, 2000, p.82). O que esse autor ressalta é propriamente o valor heurístico do conceito de ‘pulsão’, na medida em que ele “articula” duas “regiões conceituais” diferentes, uma biológica e outra psicológica. Contudo, mesmo o valor heurístico não resolve ainda a questão da “região epistêmica” em que o próprio conceito se encontra, visto que não podemos situá-lo completamente no campo dos conceitos psicológicos. Mesmo em sua construção metapsicológica esse conceito não está livre de suas intersecções com uma conotação biológica. “A pulsão desenha o discurso do horizonte psicanalítico. Situada aquém do inconsciente e do recalque, ela escapa à trama da linguagem e da representação, marcando o limite do discurso conceitual.” (García-Roza, 1986, p.11)

García-Roza, entre outros, como J. Laplanche e Lacan, tentam apresentar um Freud despido de preocupações com a realidade do fenômeno na elaboração do conceito de pulsão, dando ênfase naquilo que é dito pelo próprio criador da psicanálise, ou seja, que tal conceito é uma construção teórica, ou ainda “sua mitologia” (García-Roza, 1998, p.162). Assim, compreende-se o ‘fenômeno pulsional’ como sendo criado artificialmente pela elucubração teórica, sem a compreensão clara de sua intersecção com o somático. Diz García-Roza na obra *Acaso e repetição em psicanálise*: “...em nenhum momento Freud se propõe a estabelecer o estatuto metafísico da pulsão; aquilo de que ele nos fala é do conceito de pulsão, isto é, de uma ficção teórica e não de uma entidade que possua realidade ontológica.” (García-Roza, 1986, p.12). Nessa mesma obra o autor nos fala do engano causado por certas interpretações com relação ao conceito de pulsão. Esses erros são causados tanto por uma consideração ontológica da pulsão, quanto por sua “redução ao biológico”. Contudo, é fato que os chamados “erros de interpretação” nesse caso não são gratuitos e, possuem uma razão de ser fundada na própria teoria freudiana.

No já referido texto metapsicológico, *Pulsão e Destinos da Pulsão*, o autor inicia a abordagem do tema por sua intersecção com a fisiologia. Esse ponto de intersecção com o fisiológico é devido à origem somática da pulsão. É na gênese do conceito de pulsão que Freud parece não ter claro se o que ele faz é “criar” um conceito, assim como quer muitos de seus comentadores, ou “descrever” um fenômeno real. Por exemplo, na abordagem fisiológica do conceito de pulsão residem premissas biológicas, valores que orientam a compreensão na enunciação do conceito e, que perduram posteriormente em sua acepção metapsicológica.

Começemos com a fisiologia. Esta nos fornece o conceito de estímulo [Reiz] e o esquema do arco reflexo, segundo o qual um estímulo vindo do exterior que atinge o tecido da substância nervosa é novamente reconduzido para o exterior por meio de uma ação. Essa ação se mostrará eficaz na medida em que logre retirar a substância estimulada do raio de influência do estímulo, ou seja, a afaste do raio de ação do estímulo. (Freud, 2004a, (1915) p.146)

Vemos que essa passagem, logo no início do artigo metapsicológico sobre o conceito de pulsão, traz já uma idéia que permanecerá de maneira quase velada em toda a discussão sobre o fenômeno pulsional. Essa idéia vem na forma de uma premissa biológica e, se caracteriza como um pressuposto aceito indiscutivelmente, assim como o é a noção de causa e efeito no paradigma positivista. Esse pressuposto é o de que o tecido nervoso se move “naturalmente” na direção da eliminação de um estímulo. O que Freud faz é tomar emprestado da fisiologia tal pressuposto transformando-o, com algumas alterações, em um pressuposto psicológico. No parágrafo seguinte à citação, ele arremata: “Então, como se relaciona a “pulsão” com o “estímulo”? Nada nos impede de subsumir o conceito de pulsão sob o de estímulo: a pulsão seria um estímulo para o psíquico.” (*Ibidem*). Não há equivalência simples entre “*estímulo*” e “*pulsão*” visto que pode haver outras formas de estímulo que não os pulsionais, como por exemplo, os estímulos externos citados na passagem acima. Essa é, inclusive, a marca da diferença entre “estímulos pulsionais” e

“estímulos” genericamente falando, qual seja, que aqueles são sempre oriundos de fontes internas de excitação.

Contudo, há uma certa relação de equivalência entre estímulo de forma geral e pulsão com relação ao funcionamento de cada fenômeno em questão. Enquanto os estímulos externos provocam o sistema nervoso na direção da eliminação da excitação, os estímulos pulsionais impelem uma dinâmica psíquica também na direção da eliminação das fontes internas de excitação. É por isso que “a pulsão seria um estímulo para o psíquico” compelindo-o a uma dinâmica de ação (ressaltando que isso não quer dizer um estímulo *psíquico*). Essa idéia é também enunciada por Freud no texto *Além do Princípio do Prazer* (1920), como o “princípio de constância”, já colocando como uma “ação”, também natural, do aparelho psíquico, a busca pela eliminação de uma excitação. Escreve ele: “...a hipótese de que o aparelho psíquico procura manter no nível mais baixo possível, ou ao menos constante, a quantidade de ação presente nele” (Freud, 2004d, (1914) p.165).

O ponto em questão é que Freud, ao elaborar o conceito de pulsão, além de aproximá-lo de uma concepção realista com relação à fonte pulsional ter origem física, se utiliza de pressupostos gerais da biologia para explicar o referido conceito. Ou seja, ele quer explicá-lo em coerência com os pressupostos físicos de sua fonte, e não simplesmente enunciá-lo em uma acepção puramente teórica. Com relação à elucidação do conceito a partir de sua interação com o “esquema do reflexo fisiológico” ele nos mostra claramente que o fenômeno pulsional adquire significado a partir da interação com fenômenos estritamente fisiológicos (biológicos). Diz ele:

Tais premissas nos são úteis para melhor nos orientarmos na investigação do mundo dos fenômenos psicológicos; a mais importante delas... é de natureza biológica, trabalha com o conceito de tendência (talvez o de finalidade [Zweckmässigkeit]) e se enuncia do seguinte modo: o sistema nervoso é um aparelho ao qual foi conferida a função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los a um nível tão baixo quanto possível, ou, se fosse possível, de manter-se absolutamente livre de estímulos... Vemos então como a introdução das pulsões complica o esquema do reflexo fisiológico. Os estímulos externos impõem ao organismo uma única tarefa, a de subtrair-se deles. Isso acontece por meio de

movimentos musculares... Contudo, os estímulos pulsionais que se originam no interior do organismo não podem ser eliminados por esse mecanismo. Eles impõem ao sistema nervoso exigências muito mais elevadas. Incitam-no a assumir atividades complexas e articuladas umas com as outras, as quais visam a obter do mundo externo os elementos para saciação das fontes internas de estímulos,... (Freud, 2004a, (1915), p.147)

A idéia subjacente na citação acima seria a de que é a premissa biológica que fundamenta, por meio da analogia, à noção freudiana do funcionamento do estímulo pulsional, bem como de sua resposta psíquica. O estímulo pulsional funciona criando uma tensão que Freud identifica com o termo “necessidade”, esta por sua vez provoca o aparato psíquico a buscar a eliminação dessa tensão através da “satisfação” da necessidade. Sendo assim, mesmo os termos “necessidade” e “satisfação” não sendo colocados por ele como fisiológicos, funcionam fundamentados pela lógica fisiológica, a partir da premissa de eliminação de estímulo por parte do sistema nervoso. Enfim, tal “premissa básica” servirá de apoio fundamental em toda a construção do conceito de “pulsão”, no sentido daquilo que torna seu funcionamento conceitualmente inteligível. Tal premissa revela a característica mais básica da pulsão e, do aparelho psíquico, que é a idéia do funcionamento psíquico ser regulado pelo “princípio de constância”, ou seja, daquilo que se move no intuito de eliminar o aumento de excitação (aumento esse causado pelo estímulo pulsional, ou das fontes de excitação externas). “A fonte da pulsão é um processo excitador interno a um órgão, e sua meta imediata consiste em cancelar esse estímulo do órgão” (ESB, vol.7, p.171).

Na parte “Comentários do Editor Brasileiro” da tradução da editora Imago do artigo *Pulsão e Destinos da Pulsão*, o autor deixa claro que apesar de não poder ser reduzido a uma visão puramente biológica, o conceito de pulsão não pode ser recortado do todo elucidativo no qual foi gerado.

Daí a importância de se evitar o equívoco de cindir o termo *Trieb* (pulsão) e tratá-lo como referente ao biológico ou só ao que é humano e considerar que Freud tivesse superado uma fase biológica ingênua na qual os liames do *Trieb* com o biológico, o fisiológico, o químico e o animal tenham sido deixados para trás. Freud aborda intensamente esses temas até os últimos artigos, bem como em diversos casos clínicos. O termo *Trieb*, tanto no idioma alemão como no uso em Freud, possui simultaneamente uma

carga de arcaísmo e de determinações da natureza, como também aspectos impulsivos da vontade irrefreável e de inclinação psíquica. Manter esses nexos da palavra permite elucidar diversas dificuldades. Os textos de Freud tornam-se incoerentes entre si e desconectados do idioma alemão se utilizarmos *Trieb* como referido somente ao psíquico, à demanda e ao humano. Essa conexão refere-se apenas ao momento de circulação psicodinâmica entre o consciente e o inconsciente. Como se verá no presente artigo e em muitos outros, Freud repassa todos esses nexos a que aludimos acima... (Freud, 2004a, (1915), p.141)

E, para citar o próprio Freud a respeito desse tema:

... precisamos nos lembrar de que todas as nossas concepções psicológicas são provisórias e deverão algum dia poder se calcar sobre substratos orgânicos. É provável, portanto, que haja substâncias específicas e processos químicos que produzam as manifestações da sexualidade, bem como transfiram para a existência da espécie a continuidade da vida individual. E para fazer jus a tal probabilidade que substituimos aqui essas substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais... Tenho me esforçado em manter afastado da psicologia tudo o que é de outra ordem, incluindo o pensamento biológico, mas devo admitir aqui que a separação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, portanto, a própria teoria da libido, se apóia primordialmente na biologia, embora em pequena parcela esteja também assentada sobre bases psicológicas (Freud, 2004d, (1914), p.101)

Por tudo, se o conceito de pulsão não pode ser reduzido à sua abordagem biológica, por causa de seu caráter psíquico, essa acepção fisicalista não pode ser desvinculada dele tanto por sua fonte somática, quanto por sua premissa biológica fundamental. E, conseqüentemente a esse caráter biologizante, a idéia de um fenômeno existente de fato, e não apenas simbólico, que atua e interfere sobre o sistema nervoso, também vem à tona inevitavelmente. Em nossa análise, encontramos a mesma dificuldade já aludida no capítulo I com relação aos conceitos metapsicológicos, qual seja, que conceito de *pulsão*, apesar de ser uma *ficção teórica*, encontra-se também fundamentado por valores de uma ciência natural, sem que, no entanto, use da experimentação própria dessas ciências, ou tenha metodologicamente uma aproximação com elas. Sendo essa dificuldade aquilo que mantêm uma indefinição quanto ao status epistemológico da pulsão, também aquilo que confere a psicanálise um caráter novo dentro da epistemologia em geral, como ciência que articula as chamadas ciências do espírito e as ciências naturais.

- Capítulo 3 -

ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE

RECALQUE (*Verdrängung*)⁹

A teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise (O Recalque, p.175)

Ao trabalhar conceito de *recalque* no artigo “O Inconsciente” (1915) Freud se depara em um primeiro momento com um problema com relação à natureza do processo, no sentido do que acontece realmente no momento do recalque. Ou ele é um processo tópico, o que significaria dizer que houve uma mudança de “local” da idéia recalçada; ou o recalque tem uma natureza apenas funcional, onde a idéia recalçada é desinvestida de carga consciente. Freud escreve:

Se tomarmos o recalque propriamente dito (que também designamos ocasionalmente como um calcar a posteriori), e examinarmos como ele opera sobre a idéia pré-consciente – ou mesmo sobre uma idéia já tornada consciente -, então o recalque só poderia consistir em uma operação de retirada da carga de investimento (pré-)consciente que estava contida na idéia, ou seja, na retirada de uma carga de investimento pertencente ao sistema Pcs... Ao lançarmos essas hipóteses, acabamos por inserir implicitamente – quase que de forma involuntária – a suposição de que a passagem do sistema Ics para outro situado próximo a ele não se dá por meio de um novo registro ou inscrição, mas por uma mudança de estado, uma transformação na carga de investimento. Aqui a hipótese funcional desbancou facilmente a hipótese tópica. (Freud, 2006a, (1915), p.31\32)

⁹ Freud une o verbo, *Drängen*, “forçar passagem; empurrar”; mais os prefixos *ver-*, *nach-* ou *vor* para descrever os movimentos de “empurrar forçando” na direção do consciente ou do inconsciente.

O estranho é que nas paginas anteriores a essa citação, especificamente p.26, 27 e 28, Freud enfrenta o problema sobre a natureza do recalque e não encontra uma solução satisfatória entre as duas hipóteses levantadas. Posteriormente ele apenas argumenta que: “se tomarmos o recalque propriamente dito... e examinarmos como ele opera...” (*Ibidem*); tecendo então a hipótese funcional, ao tempo em que se decide por ela. Sua argumentação aqui não se fundamenta em razões claras, apesar de estar coerente com todo o ideal quantitativo que fundamenta a psicanálise, e que tento aqui deixar exposto.

Outra questão que surge é de que depois do desinvestimento de carga por parte do sistema Pcs, ou a idéia recalçada fica vazia de energia, ou é reinvestida pelo sistema Ics, ou ainda, conserva a energia Ics que havia antes. Freud então vê um problema: “porque a idéia que conservou sua carga de investimento, ou que foi provida de carga pelo Ics, não tenta penetrar de novo no sistema Pcs...?” (Freud, 2006a, (1915), p.32) Ora, primeiro a idéia de uma conservação de carga, ou mesmo do provimento de carga por parte do Ics, entra em contradição direta com a idéia de recalque original, dado que nesse momento ainda não podemos falar de carga de investimento Ics, pois esse sistema ainda não se formou. Freud, inclusive, vê esse problema com relação ao desinvestimento do Pcs que também ainda não existe enquanto sistema (como será mostrado a seguir).

Em segundo lugar, a psicanálise mostra que os conteúdos inconscientes estão sempre tentando entrar na consciência, é nisso que consiste a idéia da necessidade de uma manutenção do recalque por parte do sistema (Pcs)Cs. Escreve Freud logo depois: “O núcleo do Ics é composto de representantes pulsionais [*Triebrepräsenzen*] desejosos de escoar sua carga de investimento.” (*Ibid.*, p.37). Freud coloca que, as idéias desinvestidas de carga Pcs não “tentam penetrar de novo no sistema Pcs” (*Ibid.*, p.32), por causa de uma outra característica dos sistemas psíquicos, qual seja, que cada um deles possui uma força

de coesão própria, uma atração sobre outros conteúdos psíquicos. Com isso temos uma oposição de forças que se mostra na conceitualização sobre o sistema inconsciente:

“força de coesão, atrativa, repetitiva, opondo-se à tomada de consciência ou, ao contrário, força que tenderia a fazer surgir constantemente ‘derivados’ na consciência e que só seria contida graças à vigilância da censura...” (Laplanche e Leclaire, 1970, p.170; in- García-Roza, 1998, p.181).

Essa contradição não é resolvida por Freud.

Bem, vamos nos ater ao ponto importante aqui, qual seja, que Freud decide pela hipótese funcional. Pela sua argumentação, porém, essa hipótese se mostrou (pelo menos a seu ver) ser o caso com relação ao “recalque *a posteriori*” (*Nachdrängen*)¹⁰. Mas ela não se sustenta no recalque original, segundo o próprio Freud, pois antes da clivagem da consciência não há o sistema Pcs e, por isso, não há carga pré-consciente para ser desinvestida. O “recalque original” é o processo que justamente origina a separação da psique em sistemas, ou seja, é o fundamento da tópica mental freudiana. Freud percebeu que não poderia explicar tal processo em sua gênese da mesma maneira do que em seus posteriores desdobramentos. Assim, surge então a necessidade, não de abandonar a referida hipótese, mas sim de lançar mão do que em filosofia da ciência dá-se o nome de hipótese ad-hoc, isto é, uma nova hipótese que serve para salvar uma teoria em algum ponto falho. Essa nova hipótese é o conceito de “contra-investimento de carga”. Contudo, ainda resta a questão do que seja tal conceito. Cito Freud:

“De fato, o recalque original constitui-se tão somente no mecanismo de contra-investimento de carga, enquanto no recalque propriamente dito (no recalque *a posteriori*) há ainda outro mecanismo a ser acrescentado: a retirada de investimento *pcs*.” (Ibid., p.32).

Vê-se que Freud dá um peso grande a esse conceito colocando-o como mecanismo único no recalque original. Ao tentar formular a “primeira descrição metapsicológica do

¹⁰ *Nachdrängen* remete à idéia de acréscimo de recalques.

processo de recalque” (Ibid., p.33), e com ela esclarecer o que seria o “contra-investimento”, a partir do estudo das três neuroses de transferência, o criador da psicanálise cai novamente em questões controversas.

A idéia de contra-investimento na histeria de angústia funciona da seguinte forma: uma idéia “brota do *Ics* e tenta forçar passagem ao sistema *Pcs*” (Ibid., p.33). Tal idéia de cunho amoroso é percebida por uma idéia também de iniciativa amorosa que estava no *Pcs*. Ao perceber isso a carga de investimento *Pcs* se retrai “numa reação análoga a uma tentativa de fuga” (Ibid., p.33). Essa “fuga” da carga de investimento *Pcs*, a direciona para uma idéia substitutiva que está associativamente ligada à idéia rejeitada, mas longe o bastante para não sofrer a ação do recalque. É essa idéia substitutiva que terá “para o sistema *Cs* (*Pcs*) o papel de contra-investimento de carga, protegendo-o contra a invasão da idéia recalçada;” (Ibid., p.33) O processo de recalque ainda não se completa, contudo, porque ainda existe uma ligação entre a idéia substitutiva e a idéia recalçada. Esse processo ainda depende de novas fugas tendo como objetivo “isolar a idéia substitutiva, bem como dela desviar as novas excitações.” (Ibid., p.34)

No caso da histeria de conversão a idéia recalçada é investida tanto pelo sistema *Cs* (*Pcs*), através do mecanismo de contra-investimento, quanto pelo sistema *Ics*, de maneira que esse representante pulsional, a idéia recalçada, se transforma em sintoma.

Já nas neuroses obsessivas “o contra-investimento articula-se como formação reativa e promove um primeiro recalque inicial, e será através dele que mais tarde irromperá e penetrará a idéia recalçada” (Ibid.).

Nota-se imediatamente que nas duas primeiras neuroses descritas Freud não aborda a questão do recalque original, pois nas duas já existe uma idéia inconsciente recalçada e, ainda, já é mencionada a existência do sistema *Ics*. Na neurose obsessiva ele esboça uma alusão ao recalque original falando de um “recalque inicial” a partir de uma “formação

reativa”, mas, não explica claramente o que seria tal ‘formação reativa’. Essa ‘formação reativa’ ainda está ligada à noção de idéia substitutiva, pois, se é através do contra-investimento como formação reativa que “irromperá e penetrará a idéia recalçada” mais tarde, então tal ‘contra-investimento’ ainda está ligado associativamente à idéia recalçada assim como nos outros casos. O ponto é: a noção de contra-investimento como uma formação substitutiva não difere da simples noção de retirada de investimento do sistema *Pcs*, utilizada na hipótese funcional do recalque. A diferença é que o “contra-investimento” parece funcionar por si só, sem a necessidade de uma ação direta do sistema *Pcs*. Se tal noção (de retirada de investimento *Pcs*) encontrou problema em sua relação com a idéia de recalque original, e a postulação do conceito de contra-investimento possui o mesmo mecanismo que a noção de desinvestimento de carga *Pcs*, mudando-se apenas o nome de um processo que funciona da mesma maneira, então o problema é teoricamente encoberto, mas não resolvido. É claro que, o que Freud fez foi escapar ao problema que ele mesmo enxergou no recalque original, qual seja, que não há carga *Pcs* para ser desinvestida.

A análise feita com relação à construção freudiana do conceito de *recalque* encontrou dificuldades com relação ao funcionamento desse mecanismo psíquico. Isso se deve ao fato de que sua explicação, a partir da hipótese funcional, entra em contradição com o chamado *recalque original*. A hipótese usada por Freud para resolver essa contradição é o mecanismo de *contra-investimento* que, na análise feita aqui, também não se mostrou eficaz para explicar o *recalque original*. Isso porque, o que acontece no processo de *contra-investimento* não difere fundamentalmente em nada da hipótese funcional, pois, também se resume em um processo de retirada de carga de investimento de umas das instâncias psíquicas e, o conseqüente reinvestimento por outra instância. A problematização aqui feita é a de que, antes do recalque original não existe ainda a divisão psíquica em sistemas, e, mesmo a hipótese do *contra-investimento* necessita dessa divisão

para ser explicado. Tudo isso mostra uma séria contradição na elaboração metapsicológica do conceito de *recalque*. Essa contradição ainda será avaliada sob a luz da relação entre o referido conceito e o *inconsciente*, já que o mecanismo de *recalque* tem um papel fundamental para a estruturação do aspecto tópico do *inconsciente* enquanto sistema.

- Capítulo 4 -

ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO CONCEITO DE

INCONSCIENTE

A elaboração de uma estrutura psíquica na teoria freudiana foi feita nos moldes de uma topografia mental, delimitando as “áreas” da mente e a relação entre elas. A primeira barreira para tal “mapeamento psíquico” foi o postulado da existência de um “inconsciente” mental. Essa barreira foi imposta por uma longa tradição filosófica, que tratava a mente e a consciência de maneira equivalente. Para essa tradição, a idéia de um lugar na mente que não pudesse ser percebido era absurda. Um dos argumentos freudianos para negar a tradição filosófica é que essa não lida com as patologias mentais, e vê os sonhos e os atos falhos como desnecessários para o estudo da mente. Foi o conhecimento dos sonhos, talvez tanto quanto o estudo das patologias, que forneceu à psicanálise material para a formulação do conceito de inconsciente. Contudo, tal formulação, como já vimos no capítulo I, necessitou de um apoio teórico. Esse apoio se deu na forma de uma conceitualização metapsicológica que representa teoricamente os aspectos do inconsciente enquanto sistema psíquico. Esses aspectos são: *dinâmico*, referente à direção das forças que nele circulam; *econômico*, referente à quantidade de energia psíquica; e *tópico*, concernente à sua localização mental (que não tem relação com uma localização fisiológica).

É no artigo *O Inconsciente (Das Unbewusste, 1915)* que Freud nos fornece a visão metapsicológica do conceito que dá título à obra em sua acepção já enquanto sistema, diferenciando-o da chamada representação do *inconsciente* enquanto adjetivo, que seria uma qualidade relativa às idéias que não estão na consciência. Laplace, em seu *Dicionário de Psicanálise*, nos dá um resumo de tal concepção das características metapsicológicas do Ics (“*Ubw*” abreviação usada por Freud para designar o inconsciente enquanto sistema): “processo primário (mobilidade dos investimentos, característica da energia livre); ausência de negação, de dúvida, de grau de certeza; indiferença perante a realidade e regulação exclusivamente pelo princípio de desprazer-prazer...” (p.237), mais os referidos aspectos ‘tópico’, ‘dinâmico’ e ‘econômico’. Vale lembrar que esses três aspectos fundamentam a noção mais geral de *sistema*, dado que o sistema *Pcs/Cs* também contém essas mesmas características, enquanto as características referidas na obra de Laplace são específicas do *inconsciente*..

A questão aqui é epistemológica no sentido de buscar entender o valor do conceito dentro da teoria, e não sua referência no mundo. Não é uma questão, pois, de valor de verdade, mas sim de coerência na relação teórica com os outros conceitos metapsicológicos. Por isso, para o entendimento da idéia de inconsciente em Freud, podemos lançar um olhar sobre a questão: dentro da teoria, na sua relação com outros conceitos, o conceito de *inconsciente (Ics)*, enquanto sistema, está bem fundamentado? Examinemos.

4.1. A TÓPICA

O mapa estrutural da mente na primeira topografia psicanalítica é formado pelos conceitos de: *Inconsciente*, *Pré-consciente* e *Consciente*. Tal conceitualização se faz necessária, segundo a psicanálise, para explicar fenômenos mentais tais como os sonhos, ou as neuroses. A topografia mental serve justamente como auxílio na explicação desses eventos tão estranhos, e, ao mesmo tempo tão comuns. Essa topografia não tem nenhum vínculo e, por isso, nenhuma obrigação com estudos neurofisiológicos. Apesar de concordar que a mente se concentra principalmente e, sobretudo, no cérebro, sendo que deve haver relação entre uma coisa e outra, Freud em seu artigo *O Inconsciente* (2006a, (1915)) procura desvincular-se do projeto de uma topografia mental fisiológica.

Mas todas as tentativas para, a partir disso, descobrir uma localização dos processos mentais, todos os esforços para conceber idéias armazenadas em células nervosas e excitações que percorrem as fibras nervosas, têm fracassado redondamente. O mesmo fim aguardaria qualquer teoria que tentasse reconhecer, digamos, a posição anatômica do sistema Cs. — atividade mental consciente — como estando situada no córtex, e localizar os processos inconscientes nas partes subcorticais do cérebro. Verifica-se aqui um hiato que, por enquanto, não pode ser preenchido, e não constitui tarefa da psicologia preenchê-lo. Nossa topografia psíquica, no momento, nada tem que ver com a anatomia; refere-se não a localidades anatômicas, mas a regiões do mecanismo mental, onde quer que estejam situadas no corpo. (FREUD, 1915, p.6).

Aqui então a topografia psicanalítica se mostra como *ilustração gráfica* (Freud, 1915, p.6), já indicando sua construção analítica, em oposição a referencial. Deixando também de lado, como se estivesse aquém, a questão entre corpo e mente. É nesse tipo de tomada de posição que Freud parece aproximar cada vez mais a psicanálise de uma teorização metafísica da psique humana, apesar de que, como vimos no capítulo I, isso não ser totalmente o caso. Os conceitos metapsicológicos são um misto de preceitos, asserções e métodos de várias esferas.

O conceito de inconsciente, ou mais propriamente de *sistema inconsciente* (Ics), não deve ser confundido com uma outra consciência, que existiria nos mesmos moldes da consciência, só que em uma “ilegalidade mental”. Esse inconsciente é um sistema que

opera de maneira inteiramente diversa da consciência, possuindo assim outras “regras”, tais como *condensação, deslocamento e meta* (princípio do prazer).

O inconsciente na metapsicologia freudiana surge da clivagem da consciência no momento do recalque. Ou seja, em um primeiro momento da vida mental do indivíduo o que existe é a consciência. Quando a “consciência” percebe um “conteúdo pulsional” que é identificado como possível fonte de desprazer, por entrar em choque com certos valores já então assimilados pelo indivíduo, é acionado o mecanismo mental de retirada desse conteúdo da consciência. Esse mecanismo é o que Freud chamou “recalque original”. Aqui temos exposta, de maneira sucinta, a gênese topográfica do conceito de inconsciente dentro da metapsicologia.

Percebe-se facilmente que para surgir justificadamente na teoria é necessário que já existam outros conceitos que lhe sirvam como suporte. São eles: a idéia de mente identificada em um primeiro momento com a consciência; a própria noção de consciência com um mecanismo de defesa, já trazendo uma concepção de sistema Cs, com um funcionamento, regras, etc., (aqui ainda sem a necessidade de se postular o conceito de pré-consciência); o recalque original; e o conteúdo pulsional, ou, em um sentido mais genérico, a pulsão. Colocando de forma sucinta, o conceito de inconsciente é possibilitado dentro da teoria principalmente pelos conceitos de “consciência”, “recalque” e “pulsão”.

Contudo, será que o conceito de “sistema inconsciente” realmente se sustenta a partir da relação com os outros conceitos metapsicológicos? Vamos olhar mais de perto a relação entre o conceito de ‘sistema inconsciente’ e os outros três mencionados acima. Começemos com o conceito freudiano de recalque para saber se a concepção metapsicológica de inconsciente está coerente com esse conceito. Essa relação será avaliada a partir do aspecto tópico do inconsciente, visto que, é o processo de recalque que

realmente possibilita o surgimento do sistema inconsciente no aparelho psíquico, logo, é ele o instaurador da divisão tópica da psique.

- A relação do aspecto tópico do inconsciente (Ics) com a hipótese funcional do mecanismo de recalque -

Como vimos no capítulo sobre o conceito de *recalque*, a noção de contra-investimento não resolve o problema do recalque original e, este é um conceito fundamental para a elucidação do conceito de inconsciente. Isso, por si só, também já desbanca a idéia de um sistema inconsciente que nasceria da clivagem imposta pelo recalque original. Visto que esse recalque, mesmo através do mecanismo de contra-investimento, funciona apenas como uma retirada de carga que será investida em outra idéia. A questão de que sistema retiraria, ou preencheria, de investimento o conteúdo recalcado fica sem resposta. A única opção que resta seria de que essa idéia originalmente recalçada ficaria vazia de carga, pois não há ainda sistema Ics para preenchê-la.

Escolhendo a concepção funcional do recalque, Freud, sem perceber, caminha rumo à desestruturação de seu próprio conceito metapsicológico de sistema inconsciente. Isso porque essa opção torna desnecessária, em parte, a característica tópica de tal conceito. A partir da noção funcional de inscrição de uma idéia, o que diferencia uma idéia consciente de uma inconsciente é, tão somente, a carga de investimento oriunda de cada sistema, sendo

essa uma distinção dinâmica, segundo Freud, ou como quer García-Roza: uma “explicação econômica” (García-Roza, 2000, p.223).

No texto “Introdução à metapsicologia freudiana”, García-Roza relata a tentativa de Laplanche de tentar salvaguardar a hipótese tópica no processo de recalque. Ele diz o seguinte: “A idéia de Laplanche é que um processo análogo ocorre entre os sistemas Ics e Pcs/Cs. O que passa de um sistema para outro são elementos isolados e não os sistemas de significação, estes últimos permanecendo restritos a cada sistema pela força de coesão interna de cada um.” (Ibid., p.225/226) Com isso Laplanche pretende fazer valer na teoria tanto a hipótese funcional, quanto a tópica no processo de recalque. Apesar de louvável tal atitude do discípulo de tentar salvar o mestre, possivelmente nem Freud concordaria com Laplanche, pois simplesmente não é o “sistema de significação” que está em jogo no processo de recalque, mas tão somente uma inscrição pulsional.

Entretanto, a diferença tópica entre os sistemas psíquicos ainda existe resguardada nas características próprias de cada sistema. Sendo sucinto, a tópica ainda é mantida a partir das características dinâmicas e econômicas do Ics, que o diferenciam do sistema Pcs/Cs. Nesse caso estou concordando em parte com Laplanche no sentido de que a característica tópica geral do conceito de inconsciente é mantida teoricamente por suas características específicas, mas não no caso específico da característica tópica que surge no processo de recalque (contudo, mesmo as diferenças resguardadas pelas características específicas serão problematizadas mais adiante).

García-Roza ainda alerta para um ponto dessa discussão que não fica muito claro em Freud. Segundo ele, as duas hipóteses colocadas no processo de recalque especificam momentos diferentes deste. Enquanto a hipótese tópica aborda o retorno do recalcado, a hipótese funcional seria referente a uma representação que se torna recalçada. Por outra, a

primeira diz da passagem de uma representação Ics para o sistema Pcs/Cs, e a outra diz o inverso. Escreve ele:

No caso da tomada de consciência ou do retorno do recalcado, Freud supõe a possibilidade de uma representação estar presente em dois lugares psíquicos (Ics e Pcs) ao mesmo tempo. Admite ainda que com o afrouxamento da inibição por parte do eu, a representação possa passar do Ics para o Pcs sem perder sua primeira inscrição. Nesse caso, ao invés de termos uma única representação sofrendo diferentes processos econômicos, temos duas inscrições distintas da mesma representação. É o caso da hipótese tópica ou da dupla inscrição. (Ibid., p.227/228)

Contudo, o que Freud faz admitindo a possibilidade da hipótese tópica é apenas tornar mais incerta sua posição teórica. Tanto que ele admite essa possibilidade, mas toma como hipótese “oficial” do processo de recalque a hipótese funcional, visto que a dupla inscrição não está tratando do “recalque propriamente dito”¹¹, mas sim do retorno do recalcado. Vale ressaltar que a hipótese da dupla inscrição não contribui de nenhuma forma para a elucidação do recalque original, ficando esse ainda sem uma definição clara como exposto antes.

É teoricamente mais confuso que no final do artigo *O Inconsciente* (1915) Freud parece abandonar toda a discussão travada em torno das hipóteses tópica e funcional, para introduzir uma nova distinção entre representações conscientes e inconscientes e, que pretende dar conta ainda do problema do recalque. Essa nova distinção é inserida a partir dos conceitos de: *representação-objeto* e *representação-palavra*. Diz Freud:

De um golpe, parece que sabemos agora em que consiste a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como acreditávamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de investimento no mesmo lugar, mas a representação consciente abarca a representação-coisa [Sachevorstellung] mais a correspondente representação-palavra, ao passo que a inconsciente é apenas a representação-coisa.(ESB, vol.14, p.230)

¹¹ Recalque propriamente dito.

Entretanto, essa nova conceitualização não lança nenhuma luz sobre o problema do recalque original, muito pelo contrário, parece desviar totalmente a atenção sobre essa questão. Ao instituir como diferença entre uma representação inconsciente e uma consciente, o fato de tal representação poder ser expressa pela linguagem, Freud aumenta seu arcabouço teórico sem, no entanto, resolver os problemas que ele próprio havia levantado. O que aconteceria no recalque original, uma representação associada à uma “coisa” seria destituída da associação com sua “palavra” correspondente? Como seria o processo, uma retirada da representação-palavra por parte do sistema Cs? Freud não coloca o problema nesses termos.

Vale ressaltar que Freud sabia das obscuridades teóricas de algumas de suas concepções, como no caso do recalque original, mas diante de quadros clínicos tão complexos e diversos ele se enredava em questões que muitas vezes tomavam dimensões que fugiam ao seu controle. No caso da explicação do processo de recalque, quando são colocadas as hipóteses tópica e dinâmica, ele analisava tal processo partindo das chamadas *neuroses de transferência*. Os conceitos de *representação-coisa* e *representação-palavra* surgem, por sua vez, na análise da *esquizofrenia*, a partir do estudo das *psiconeuroses narcísicas*. No entanto, mesmo diante dessas dificuldades, temos que ser imparciais na análise epistemológica dos conceitos.

Sua explicação do recalque a partir dos conceitos de *representação-coisa* e *representação-palavra* percorre o seguinte caminho. Primeiro é preciso esclarecer que Freud postula a idéia de que uma representação mental consciente é dividida em uma idéia consciente do objeto, a *representação-coisa*, mais uma representação mental da palavra que se associa a esse objeto, a *representação-palavra*. No caso das representações inconscientes ele diz que elas só possuem uma representação-coisa. A associação com uma palavra acontece no processo psíquico secundário (sistema Cs\Pcs), se constituindo pela ligação de

uma representação-palavra a uma representação-coisa. Nessa explicação do recalque também ocorre, como no caso da hipótese funcional, uma retirada de investimento de carga consciente. Aqui, porém, a carga é retirada da representação psíquica do objeto (representação-objeto) que se torna inconsciente. Enquanto isso, a representação-palavra correspondente é sobreinvestida pelo sistema Pcs, originando o distúrbio esquizofrênico. Isso acontece porque na esquizofrenia o aparelho psíquico tenta recuperar a representação-objeto perdida como uma tentativa de cura, seguindo “o caminho em direção ao objeto por meio da parcela desse objeto composta pela palavra” (Freud, 2006a, (1915), p.51). Isso faz com que a representação-palavra seja reinvestida pelo Pcs. Ora, o que está realmente em jogo é a questão do investimento de carga psíquica, ou seja, a hipótese funcional. Aqui, Freud parece querer levar o problema para uma discussão simbólica, mais própria ao terreno da linguagem. Contudo, ele não nega a hipótese funcional, desde que ainda há uma retirada de carga do sistema consciente e, esta carga é o que continua definindo o mecanismo de recalque. Isso porque Freud não desenvolve os conceitos de *representação-palavra* e *representação-coisa* de maneira a esclarecer o recalque em todos os seus pontos, como faz com a hipótese funcional. Ele insere esses conceitos para dar conta apenas do sintoma da esquizofrenia.

“É preciso ter sempre presente que, para Freud, o homem é essencialmente um ser biopsíquico e social. Por isso, por mais inovadoras e originais que sejam suas descobertas no campo de pesquisa psicanalítica, ele nunca prescindiu, na sua visão do homem, nem das raízes biológicas que fazem dele *um ser corpóreo*, nem de seus desdobramentos socioculturais, nos quais ele se afirma como *um ser de linguagem*.” (Zeferino Rocha, p.81)

Nem hipótese funcional, nem tópica, muito menos o mecanismo de contra-investimento tornam claro como surge na psique o inconsciente enquanto sistema. Os conceitos de ‘representação-coisa’ e ‘representação-palavra’, por sua vez, inserem a problemática da linguagem na divisão tópica do aparelho psíquico, sem dar conta da questão da gênese da divisão topográfica do mesmo aparelho em sistemas, muito menos de

aspectos gerais do recalque. A clivagem que dá origem a essa separação e, faz surgir o inconsciente enquanto sistema é problemática e, com ela a própria idéia tópica de sistema.

Como já foi dito, para surgir justificadamente dentro da teoria o conceito de *sistema inconsciente* precisa se fundamentar em outros. Analisando a idéia de recalque original, vimos que ela foi justificada pela hipótese do contra-investimento. Essa hipótese pode ser reduzida à hipótese funcional que, por sua vez, entra em contradição com a característica tópica do conceito de inconsciente. Por tudo, a idéia de *recalque* a partir da hipótese funcional torna desnecessário o uso da característica tópica no conceito metapsicológico de *sistema inconsciente*, porque coloca o recalque em termos *dinâmicos*.

4.2. O ASPECTO DINÂMICO

- A relação do aspecto dinâmico do inconsciente (Inc.) com a hipótese funcional do mecanismo de recalque -

Freud em seu artigo “*O Inconsciente*” (1915) nos diz como acontece a *dinâmica* dos conteúdos mentais. A relação entre as três instâncias psíquicas na primeira tópica, quais sejam, inconsciente, pré-consciente e consciência, se dá da seguinte maneira: um ato psíquico parte do inconsciente¹² rumo à consciência. Esse ato precisa ser aceito na consciência; caso não seja ele é repreendido, ficando no inconsciente. Isso caracteriza a repressão (recalque). Se for aceito ele fará parte do sistema consciente. Contudo, isso não diz que ele esteja na consciência, no sentido de ser percebido. Ele faz parte do sistema pré-consciente que, dinamicamente equivale ao sistema consciente, mas descritivamente é

¹² Entendido aqui como adjetivo e não sistema, ou seja, o inconsciente sistemático só contém idéias recalçadas pela consciência.

inconsciente. Essa é a principal diferença entre o caráter descritivo e o dinâmico. Estando no pré-consciente, o conteúdo psíquico (idéia; desejo) entra em um estado de latência, podendo, ou não, chegar à consciência. Podemos então dizer que descritivamente ele está inconsciente, mas sua dinâmica faz parte do sistema consciente (Freud, 2006a, 1915).

Como vimos na exposição sobre o mecanismo de recalque a repressão de um conteúdo inconsciente se dá no impedimento da passagem deste para a instância pré-consciente (Pcs). É justamente a retirada da carga pré-consciente que fundamenta a idéia de recalque. Ora, temos então que a aceitação, ou não, de uma idéia no sistema consciente (Pcs/Cs) vai depender de um investimento desse sistema na idéia em jogo. Com isso, a própria dinâmica das forças psíquicas, ou seja, o movimento dessas forças, depende do preenchimento dos conteúdos psíquicos com as cargas de investimento próprias de cada sistema.

Na exposição freudiana sobre como se dá a dinâmica das forças psíquicas percebemos justamente aquilo que nos fala Garcia-Roza, ele diz: “O aparelho psíquico freudiano é orientado no sentido progressivo-regressivo e é marcado pelo conflito entre os sistemas, o que torna a concepção tópica inseparável da concepção dinâmica.” (Garcia-Roza, Freud e o inc. p.77). A inseparabilidade entre concepção tópica e dinâmica realmente parece ser o caso. E, desde que a tópica freudiana pode ser reduzida à hipótese funcional do recalque, ou melhor, à noção de que a diferença entre os sistemas é a carga de investimento, então, também parece ser o caso que o movimento dos conteúdos psíquicos entre os sistemas pode ser totalmente explicado diante da mesma hipótese funcional. Se o que diferencia uma idéia consciente de uma inconsciente é tão somente a carga de investimento oriunda de cada sistema e, sendo essa uma distinção dinâmica, segundo Freud, uso novamente Garcia-Roza para dizer que tal idéia é, sobretudo, uma “explicação econômica” (Garcia-Roza, 2000, p.223).

Aqui, naturalmente, vê-se que a hipótese funcional não é outra coisa senão essa mesma “explicação econômica” dos fenômenos psíquicos, acrescida à idéia de forças psíquicas que se movimentam, por isso entendida por Freud como uma “distinção dinâmica”. O que se movimenta, ou seja, o que permite uma acepção dinâmica dos conteúdos inconscientes, não são os representantes ideativos de idéias recalçadas, mas sim, as cargas de investimento próprias de cada sistema. Como diz Rocha: “...o inconsciente, como um sistema da vida psíquica humana, e a pulsão, como a força impulsionadora do seu dinamismo,...” (Zeferino Rocha, p.70).

Vemos, então, que o ponto de vista *dinâmico* do conceito de inconsciente além de ser explicado pela hipótese funcional do recalque, torna claro que, mesmo essa hipótese parte, sobretudo, da concepção quantitativa do mesmo conceito, marcadamente a concepção *econômica*. O conflito de forças psíquicas, o qual pretende ser descrito pelo aspecto *dinâmico* do conceito de *inconsciente (Ics)*, pode ser avaliado como “conflito de forças pulsionais” (Garcia-Roza, 1998, p.114). Sendo assim, até aqui vimos que tanto o aspecto tópico, quanto o aspecto dinâmico, do conceito psicanalítico de *sistema inconsciente (Ics)* podem ser explicados a partir da concepção *econômica* do mesmo conceito. Cabe-nos avaliar agora essa concepção, bem como sua relação com o conceito de *pulsão*.

4.3. O ASPECTO ECONÔMICO

- A relação do aspecto econômico do inconsciente (Ics) com o conceito de pulsão -

Avaliemos agora o que seria especificamente o aspecto econômico do *inconsciente*, para então relacioná-lo com o conceito de *pulsão*. O importante aqui é entender os efeitos gerados no conceito de inconsciente quando levamos em consideração a questão do que seja realmente sua “carga de investimento”.

introduzimos paulatinamente um terceiro ponto de vista na nossa apresentação dos fenômenos psíquicos... o ponto de vista econômico, isto é, uma perspectiva que visa a acompanhar o destino das quantidades de excitação e busca, ao menos aproximativamente, estimar as magnitudes dessas quantidades. (Freud, 2000a, (1915), p.32).

Essa citação, do importante artigo metapsicológico de 1915, não deve ser entendida como se Freud tivesse chegado à uma concepção econômica do conceito de inconsciente somente neste trabalho. O que ele faz ali é utilizar uma idéia que perpassava toda sua obra anterior, para definir as características gerais do sistema inconsciente. Uma abordagem quantitativa do inconsciente já se encontrava no texto *O Projeto* de 1895. “*Nesse texto (O Projeto, 1895), Freud criou um modelo de estudo para o aparelho psíquico, baseado numa concepção quantitativa, que permaneceu durante toda sua obra*” (Trieb, Cláudio Frankenthal, pp.91/92). E, mais especificamente: “*Vimos que uma das duas hipóteses fundamentais do Projeto é a de uma quantidade (Q) de que os neurônios estão investidos e da qual tendem a ser livres.*” (Garcia-Roza, 1998, p.47). É justamente essa abordagem quantitativa que fundamenta o conceito metapsicológico de *economia* inconsciente.

Quando falamos de ‘quantidade’ dentro da teoria freudiana, estamos falando de quantidade de energia psíquica, ou por outra, de excitação. O conceito de *economia inconsciente* estima as grandezas e as mudanças dessas quantidades. O termo utilizado por Freud para designar o preenchimento dos neurônios no *Projeto* (1895) é *Besetzung* que pode ser traduzido por *catexia*, ou simplesmente *investimento*. Mesmo Freud abandonando posteriormente ao *Projeto* conceitos como o de neurônio, ele não deixa de lado a noção de

investimento, que está inteiramente vinculada a de ‘quantidade’. Essa ‘quantidade’ é o preenchimento de uma idéia inconsciente, ou seja, ela é investida em tal idéia. Aqui surgem duas questões: de onde vem essa energia psíquica? E, o que é, mais precisamente, essa energia?

Essas duas questões nos levam inevitavelmente à relação entre o conceito de *inconsciente* e o de *pulsão*, pois, onde poderíamos encontrar a fonte energética inconsciente senão no fenômeno pulsional. “As pulsões são a fonte de energia do aparelho psíquico. Elas pressionam, exigem ação, ou, em seu lugar, como uma das possibilidades de adiamento de descarga que corresponde à satisfação, exigem pensamento”¹³ (Frankental, 2002, p.93). A esse respeito, também nos diz Garcia-Roza: “o que Freud afirma é que toda energia de investimento tem como fonte as pulsões, particularmente a pulsão sexual, portanto, energia libidinal” (Garcia-Roza, 2000, p.223).

Um outro problema surge, pois, tendo como fonte energética a pulsão, a idéia de quantidade de energia do sistema inconsciente se confunde com o próprio conceito de pulsão. “Foi a estreita relação do inconsciente com o conceito de pulsão, que fez do primeiro o objeto específico da pesquisa psicanalítica” (Rocha, 2002 p.64). Essa estreiteza se dá porque até onde estamos vendo tanto o processo de recalque, quanto a própria idéia de conteúdo inconsciente, dependem na psicanálise da noção quantitativa de carga de investimento. Como já foi visto no capítulo II: “A pulsão desenha o discurso do horizonte psicanalítico. Situada aquém do inconsciente e do recalque, ela escapa à trama da linguagem e da representação, marcando o limite do discurso conceitual” (Garcia-Roza, 1986, p.11). Se a pulsão se encontra aquém tanto do recalque, quanto do inconsciente, esses

¹³ Ora, toda a problemática sobre a biologização do conceito de *pulsão* vem à tona também no conceito de *inconsciente*, pois se a fonte pulsional é somática e a pulsão serve de fonte energética para o inconsciente, logo, o inconsciente também é somatizado.

dois conceitos, por sua vez, se fundamentam na própria idéia do preenchimento de uma inscrição inconsciente pela carga pulsional.

Diz Freud: “discorremos até o momento sobre o recalque de um representante pulsional, entendendo este último como uma representação ou um grupo de representações investido pela pulsão com certa quantidade de energia psíquica (libido, interesse)” (Freud, 2004b, (1915), p.182). Se quem investe o representante pulsional é a própria pulsão, então, o aspecto econômico do conceito de *inconsciente (Ics)* pode ser reduzido ao conceito de *pulsão*.

O surgimento de uma nova instância psíquica, com uma carga própria de energia, apta a preencher uma idéia vazia, se configura como a tentativa freudiana de criar o conceito de inconsciente enquanto sistema. Contudo, quando avaliamos de onde surge tal ‘quantidade’ de energia vemos que essa teorização se confunde fundamentalmente com o conceito de *pulsão*, desde que esse conceito, por si só, já traz toda a questão da quantidade de energia psíquica inconsciente. Um tal sistema inconsciente, com uma carga própria de investimento, não precisa ser colocado. Isso porque, sendo sua carga a própria *pulsão*, então ela deveria, necessariamente, ser um aspecto desse sistema, e, segundo o próprio Freud, isso não é o caso. Freud parece ter tido alguma clareza de que poderia operar uma simplificação de sua teoria se privilegiasse o conceito de *pulsão*, diz ele:

Certamente acabaríamos com todos os mal-entendidos se na descrição dos diferentes atos psíquicos de agora em diante desconsiderássemos o fato de serem conscientes ou inconscientes, classificando-os e correlacionando-os apenas de acordo com a relação que mantêm com as pulsões [*Trieb*] e as metas [*Ziele*], bem como de acordo com sua composição, e levando em conta a sua pertinência aos diferentes sistemas psíquicos supra-ordenados. (Freud, 2004a, (1915), p.25)

Como vimos, isso poderia ser feito no tocante ao *inconsciente (Ics)* diante da redução dos seus aspectos gerais à noção de que, o que diferencia um sistema do outro, no tocante ao seu funcionamento, é a carga de investimento, além do fato de que na consciência a energia é ligada (não-livre como no inconsciente). Com isso, temos a redução da noção geral de sistema *inconsciente (Ics)* ao conceito de *pulsão*, entendendo esse como a carga de investimento – bem como o fator dinâmico (móvel) - de todo conteúdo reprimido.

4.4. Aspectos Específicos do Sistema Inconsciente (Ics.)

Se o recalque original não fica claro, também não está claro como surge na psique o sistema Ics. Entretanto, suponhamos então que o recalque original acontecesse e uma idéia fosse impedida de entrar na consciência. Tal consciência se configuraria como sistema consciente (Pcs/Cs), com um funcionamento específico, leis, mecanismo de defesa, etc.. Supomos ainda que essa idéia recalçada, chamada por Freud de “representante ideativo” da pulsão e, que constitui apenas uma parte da pulsão (sendo a outra parte o que ele chama de “afeto”), receba uma carga de investimento do sistema Ics. Sendo que essa carga é propriamente a *pulsão* e, por isso, aceitando-a como uma parte do sistema Ics. Enfim, aceitando para fins de reflexão os aspectos “tópico”, “econômico” e “dinâmico”, podemos nos perguntar de onde surgem as outras características do sistema Ics que o identificam como tal? São elas: “...ausência de contradição, processo primário (mobilidade de cargas de investimento), atemporalidade e substituição da realidade externa pela realidade psíquica, além de ser regido pelo princípio do prazer.” (Freud, 2006a, (1915), p.38)

É claro que todas essas características são coerentes entre si e podemos dizer que se implicam mutuamente. A ‘ausência de contradição’ faz com que as idéias se associem

livremente configurando uma mobilidade totalmente livre das cargas de investimento, o que caracteriza o processo primário. A substituição da realidade externa faz com que os conteúdos inconscientes sejam atemporais, sendo a temporalidade, para Freud, uma característica do sistema *consciente* (*Cs*), e, por isso, de acordo com o ‘princípio de realidade’. O regimento pelo ‘princípio do prazer’ é o que de fato torna todas as outras características entrelaçadas, pois sendo a única meta de um conteúdo do sistema inconsciente (*Ics*) a satisfação, seja por quais meios e, sobretudo, pelos meios mais fáceis, como no caso da fantasia, as outras características são derivadas facilmente. É assim que para se satisfazer uma pulsão se associa a idéias contraditórias, tendo livre mobilidade e, não se prendendo a aspectos da realidade, como o tempo.

Contudo, podemos questionar se todas essas características viriam de um sistema tal como o *Ics*, ou se seriam apenas a falta de um sistema que as ordenasse. Vejamos se isso é assim na análise de cada característica citada. A ‘ausência de contradição’ pode ser facilmente vista como a retirada da regra de associação de idéias própria do sistema consciente, não sendo motivo necessário a inferência de um “outro” conjunto de regras sustentado por um sistema, tal como o inconsciente, que sustente contradição. O mesmo pode ser dito da mobilidade de cargas que caracteriza o processo primário. O ‘princípio do prazer’, sendo o princípio regente do processo primário, pode ser caracterizado como o comportamento dos conteúdos psíquicos com vistas a satisfazer o princípio biológico fundamental da *pulsão*, qual seja, a eliminação do estímulo interno, não importando os meios, desde que não estão sob as regras da consciência.

Um novo confronto entre o conceito de pulsão e o de inconsciente pode ser feito aqui. Da mesma forma que os aspectos gerais do inconsciente poderiam ser simplificados, reduzindo-os ao conceito de pulsão, sem que se perdesse nada de fundamental na explicação psicanalítica da psique, todas as características específicas também poderiam

sofrer a mesma alteração, sem nenhum prejuízo para a estrutura da teoria. No “novo” conceito de pulsão poderia conter a seguinte definição: “todas as características de: ...ausência de contradição, processo primário (mobilidade de cargas de investimento), atemporalidade e substituição da realidade externa pela realidade psíquica, além de ser regido pelo princípio do prazer” (Freud, 1915, 2000a, p.38); são aspectos da *pulsão* quando essa não está sob as regras da consciência.

Para ficar claro, minha reflexão não aspira uma introdução de elementos novos na estrutura teórica da metapsicologia, mas sim, uma simplificação desta. Isso vai contra algumas compreensões freudianas dos fenômenos psíquicos, como, por exemplo, quando ele diz: “as leis da atividade psíquica inconsciente diferem em muito daquelas da atividade consciente”, e ainda: “... o valor do inconsciente como signo, ou marca indicativa, ultrapassou em muito a importância de seu significado como propriedade” (sobre a passagem do inconsciente de adjetivo para substantivo) (Freud, 2004c, (1914), pp.88/89). As reflexões aqui elaboradas sobre a psicanálise mostram justamente que seria possível uma volta ao inconsciente em seu “significado como propriedade”, pois as outras diferenças entre consciência e inconsciente seriam resguardadas no conceito de *pulsão*. Ou seja, a diferença formal que se refere às regras de associação de idéias, bem como à própria noção de leis do funcionamento psíquico, não desapareceria, pois seria explicada pelo fenômeno pulsional. Freud no artigo *O Inconsciente*, ao tentar negar a idéia de que o inconsciente seria uma segunda consciência, chega mesmo a sugerir o que abordo aqui:

... a partir do exame psicanalítico sabemos que uma parte desses processos latentes possuem características e peculiaridades que assumem as formas mais estranhas e até mesmo inacreditáveis que contrariam diretamente as propriedades da consciência por nós conhecidas. Assim parece ser mais coerente desistirmos da hipótese de uma segunda consciência, pois o que se acabou por comprovar foi justamente a existência de atos psíquicos desprovidos de consciência. (Freud, 1915, 2000a, p.23)

É certo, porém, que esta citação tirada do seu contexto parece ter uma conotação demasiado favorável à minha posição, não sendo realmente isso, pois, que Freud defenderia em seu texto. O motivo que leva Freud a defender nesse mesmo texto o caráter sistemático do inconsciente é a diferença necessária entre idéias que não estão na consciência, mas que podem ser conscientes sem nenhum problema, como por exemplo, lembranças do dia anterior; e aquelas idéias que, existindo como lembranças, não adentram tão facilmente à consciência, marcadamente as idéias recalcadas. Contudo, a simplificação sugerida não acabaria com a distinção mencionada, mas sim concentraria o motivo do recalque na questão da carga pulsional e de sua tendência, e não na diferença formal entre sistemas. Diferença essa que se manteria como exposto no “novo” conceito de *pulsão*.

É válido notar que o conceito de sistema consciente não está em questão aqui pois já é tido na teoria freudiana como fato inquestionável; e, mesmo, não é reavaliado, permanecendo aquele conceito da tradição filosófica¹⁴. Digo isso porque, de acordo com a presente reflexão o conceito de *inconsciente* de Freud parece que também está reduzido ao “inconsciente filosófico”, ou seja, àquilo que é apenas o oposto da consciência. Ora, se tanto o conceito de inconsciente, como o de consciência, na psicanálise não são alterados significativamente em relação à compreensão filosófica geral, então, Freud não estaria propondo nada de novo. Devo esclarecer então que isso nem de longe é assim.

Não acredito que os conceitos mencionados permaneçam os mesmos da filosofia geral. É verdade que Freud não nos mostrou um detalhamento elaborado da *consciência*. Contudo, tanto este, quanto o *inconsciente* em sua acepção como adjetivo, se tornam diferentes da concepção filosófica pela questão da quantificação das energias psíquicas, pela natureza de cada carga de investimento (libido para o inconsciente e interesse para carga consciente), bem como pela idéia da relação entre consciência e inconsciente através

¹⁴ É sabido que Freud escreveu um artigo sobre a ‘consciência’ na época dos escritos metapsicológicos, mas que foi perdido junto com outros.

de idéias recalçadas. Ou seja, novamente volto à *pulsão*, bem como a problemática entre biologia e psicologia que esse conceito propõe. São as questões emergidas no conceito de pulsão que fazem dos conceitos psicanalíticos de inconsciente e, em menor grau o de consciência, inovadores. Digo isso do conceito de consciência porque ele participa da revolução sem ser remodelado em si mesmo, mas tão somente diante do corpo teórico geral. Cito Assoun:

“todavia, Freud parece limitar a oposição acrescentando mais adiante: ‘quanto ao que chamamos de ‘consciente’, não temos necessidade de caracterizá-lo, pois identifica-se com o consciente dos filósofos e da opinião popular’. ‘Tudo o mais, para nós, é o inconsciente.’ Esta formulação é enganadora, porque poderia levar-nos a crer que Freud conserva o consciente filosófico para a ele acrescentar seu conceito de inconsciente. Ora, tudo que o precede atesta que, pelo contrário, somente a subversão do conceito filosófico de consciente, ou antes, da concepção da relação consciente/inconsciente, condiciona o advento do ponto de vista psicanalítico.” (Assoun, p.40/41)

Essa subversão da relação entre consciente/inconsciente se dá justamente por questões tratadas a partir do conceito de *pulsão*. Por tudo, acreditamos que a psicanálise realmente opera uma revolução com a problemática suscitada pelo fenômeno pulsional, sendo que tal fenômeno, além de constituir enquanto objeto, a principal diferença entre a psicanálise e a filosofia, é, propriamente, o objeto psicanalítico por excelência. Por isso trabalharemos agora a questão da dualidade pulsional na teoria psicanalítica para o esclarecimento de como o fenômeno pulsional é o que realmente funda toda a dinâmica psíquica compreendida pela teoria freudiana.

- Capítulo 5 -

- A SEGUNDA TÓPICA -

A segunda tópica da estrutura psíquica na teoria freudiana nasce por uma percepção clínica (descritiva) no fenômeno da resistência, ou seja, no correspondente descritivo do recalque. Freud percebeu que existiam conteúdos que não eram recalcados, mas que não apareciam na análise sem resistência. Cito Freud:

“ Deparamo-nos com algo no próprio ego (identificado em parte com a *consciência*) que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido – isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente” (Freud, O Ego e o Id, p.16).

Isso deveria trazer um terceiro sentido para o termo *inconsciente* (além do dinâmico e do descritivo), o que fez Freud incluir novos conceitos na estrutura psíquica. Ao invés de alterar a primeira tópica Freud construiu uma nova - que mantêm certa correspondência com os conceitos de *Cs* (*Pcs*) e *Ics* - sob os signos de: Ego, Id e Superego, sendo o que ele chamou sua *segunda tópica psíquica*.

É interessante notar que nos escritos metapsicológicos, onde há uma relação analógica entre fundamentos fisiológicos e fenômenos psíquicos, tendo seu ápice em *Além do princípio do prazer*, o fenômeno do recalque não ficava claro com relação a sua gênese, mas tão somente com relação ao seu mecanismo de retirada da carga de investimento. Já no texto *O Ego e o Id*, Freud retoma a questão dos valores sociais aprendidos pela consciência (sistema de percepção –Pcpt-Cs), lançando luz sobre o mesmo fenômeno do recalque como um acontecimento com forte apelo a uma compreensão da subjetividade como também moldada por valores culturais – ou como exposto, por questões da *história individual* - sem deixar de lado o caráter quantitativo-dinâmico que insere a psique na esfera de fenômenos determinados, passíveis de conhecimento científico (universal).

A compreensão da psique a partir da noção de *ego* traz à tona a dinâmica mental que é formada pelo sistema Pcpt-Cs, colocando inclusive a percepção interna como dependente do mesmo sistema, e o reprimido como aquilo que não se torna passível de percepção (assim como na primeira tópica). Freud com isso quer validar o sistema de valores que nos chegam pelos sentidos (como a palavra que primeiro chega a nós pelo sentido do *ouvir*), e se forma ligado a esse mesmo sistema perceptivo-consciente, compondo a estrutura interna chamada *ego*. Com isso ele encontra espaço para a introdução da linguagem (e mais

genericamente da cultura), dando peso maior ao que fora apenas mencionado no final do artigo sobre o recalque¹⁵.

“É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt-Cs.*;... Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e as tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio do prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio da realidade. Para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões.” (Freud, *O Ego e o Id*, p.25)

Nessa nova abordagem da estrutura psíquica fica mais claro então o papel da influência do mundo externo na formação do indivíduo (*ego*). Essa influência interfere diretamente nos conteúdos desejosos do id, que será compreendido agora como reservatório de cargas pulsionais que podem se tornar conscientes, na forma de seus representantes psíquicos (afeto, inscrição psíquica), e aquelas que são barradas da consciência, o reprimido. Qualquer conteúdo do id para se tornar consciente precisa entrar no sistema de percepção - *Pcpt*, ficando assim dependente do ego para escoar sua carga, assim como eram os conteúdos inconscientes na primeira tópica. A diferença é de que o ego não equivale totalmente ao sistema Cs, sendo também parte do id e, possuindo uma ligação direta com este no tocante a sua parcela de conteúdos não reprimidos.

A outra parte do ego - chamada: *superego* - é uma precipitação no interior do ego que se forma pela *sublimação*, que é o mesmo que perda objetal por parte do id, utilizando a mesma energia libidínica, antes dispensada a um objeto, para a formação de uma outra instância psíquica. Essa perda objetal do id é enunciada por Freud com o nome de *complexo de Édipo* que, salve algumas variações, funciona com o direcionamento de energia do id a um objeto, no caso a mãe (ou o pai para as meninas). Esse escoamento de carga é barrado

¹⁵ No final do texto metapsicológico sobre o recalque Freud conjectura se esse fenômeno (recalque) poderia ser um desinvestimento por parte da consciência para com a *representação-palavra*. Essa, junto com a *representação-objeto*, seriam as duas inscrições psíquicas que formariam a percepção do sistema Cs (Pcs). Freud insere o problema da linguagem, mas somente com relação à esquizofrenia.

pela figura paterna oposta à catexia (escoamento), sendo que, no caso do desejo ser reprimido, uma parte de sua energia se configurará como uma instância psíquica que representa a figura paterna que na vida real é quem detêm o objeto de desejo, ou seja, é a representação psíquica do ideal do ego (e posteriormente de tudo que for seu ideal) – o *super-ego*.

“Se considerarmos mais uma vez a origem do superego, tal como a descrevemos, reconheceremos que ele é o resultado de dois fatores altamente importantes, um de natureza biológica e outro de natureza histórica, a saber: a duração prolongada, no homem, do desamparo e dependência de sua infância, e o fato de seu complexo de Édipo, cuja repressão demonstramos achar-se vinculada à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência e, assim, ao início bifásico da vida sexual do homem. De acordo com a hipótese psicanalítica, o fenômeno por último mencionado, que parece ser peculiar ao homem, constitui herança do desenvolvimento cultural tornado necessário pela época glacial. Vemos, então, que a diferenciação do superego a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem. (Freud, *O Ego e o Id*, p.37)

A partir dessa citação temos condições de jogar luz sobre a questão da gênese do reprimido, de uma maneira a colocar o papel central desse fenômeno na história do indivíduo, e mais especificamente na sua relação com os pais. As questões que antes emergiam, sobre as distinções tópicas e dinâmicas no processo de recalque, agora ganham ares mitológicos, sem perder o estrato fundamental de toda a dinâmica mental com relação ao *princípio do prazer*. O mito é apresentado como recurso alegórico na explicação desse fenômeno que por sua vez, une novamente e, agora de maneira decisiva, a compreensão do homem em seus aspectos históricos e fisiológicos. E da união dessas duas esferas de fenômenos que surge a estrutura psíquica. O mito é introduzido usando os mesmos elementos que faziam a ligação entre conceito metapsicológico e biologia, *movimento* (dinâmica) e *quantidade*. A quantidade aqui é a energia libidinoso do id, ou ainda o impulso que move Édipo, e o movimento é a dinâmica edipiana – sua história – em busca de sua meta: a satisfação, ou a obtenção do objeto de desejo pelo parricídio. No caso de uma bem sucedida repressão, muda-se o mito, pois o parricídio não é efetuado, o que representa

psiquicamente a vitória do princípio de realidade, ou mesmo, a formação de uma instância que governará os impulsos libidinosos tendo como função a manutenção da vida. O superego corresponde, então, a todos os avanços da cultura humana que proporcionam a manutenção e continuidade da vida, como uma espécie de cuidado paterno necessário, assim como aqueles aspectos que podemos classificar sucintamente de ‘sentimento de culpa’, que podem ser percebidos em várias manifestações proibitivas da cultura, podendo ter também um caráter nocivo diante da vida, como no caso do *deprimido* (Freud, *O Ego e o Id*).

Vejo a necessidade, para fins de esclarecimento do que se segue, de entrar em uma questão que permeia toda a teoria freudiana como uma premissa *ontológica* (e não biológica como exposto antes) fundamental que nos diz: há um *dualismo* como motor da dinâmica psíquica (ou da dinâmica de uma quantidade pulsional). Esse dualismo ontológico, onipresente e indemonstrável em sua natureza, primeiro se fez entre *consciência* e *inconsciência* (sendo a consciência apenas um desvio do inconsciente), que vem, por sua vez, de uma oposição entre processo primário e processo secundário (onde o segundo é também é um desvio do primeiro). Esses dois processos revelam mais fundamentalmente uma tendência intrínseca aos processos mentais na oposição entre *princípio do prazer* e *princípio da realidade* (onde o segundo é o desvio do primeiro). Todas essas oposições possuíam representação na primeira tópica, também pela oposição entre *pulsões de auto-conservação* (ou do ego) e *pulsões eróticas*. Contudo, com relação às pulsões também se revelou serem as pulsões do ego derivadas das pulsões eróticas, desde que toda energia psíquica é libido. A pulsão erótica seria o fator motor da libido, que a impulsiona rumo à descarga constituindo o processo primário. As pulsões de auto-conservação utilizariam o mesmo princípio motor em busca do mesmo fim, contudo, com a diferença de ter como meio a realidade (o processo secundário).

Contudo, surgiu um fato clínico que colocou uma reticência no núcleo dos processos psíquicos: a *compulsão*; repetição de fenômenos desprazerosos, como certos sonhos, em psicopatologias e nos jogos infantis. A tensão psíquica existente, o dualismo ontológico motor dos fenômenos mentais, deveria então ser de uma ordem mais fundamental para que explica-se os casos de uma *pulsão* que não tendesse somente à descarga com vistas a se manter constante (mantendo a vida), mas sim à uma eliminação total das tensões, o mesmo que a morte. Enfim, uma *pulsão de morte*. Freud coloca a *pulsão de morte* (Tanatos) como tendo uma primazia sobre o que ele chamou de *pulsão de vida* (Eros). Essa primazia se dá porque, para ele, a vida é um desvio da morte, ou, em linguagem biológica, o orgânico é um desvio do inorgânico. Cito Freud: “característica universal das pulsões – ou até mesmo da vida orgânica em geral –... uma força impelente [*Drang*] interna ao organismo vivo que visa estabelecer um estado anterior... *O objetivo de toda vida é a morte, ... O inanimado já existia antes do vivo.* (Freud, 1920, p.160/161)

O próprio funcionamento psíquico sendo regulado pelo *princípio do prazer* e, sendo esse o mesmo que *Eros*, revelaria uma natureza mais essencial que seria o “*princípio de nirvana*, segundo uma expressão de Bárbara Low [1920, p.73]” (Freud, *Além do Princípio do prazer*, p.176). O *nirvana* seria essa aspiração ideal de toda catexia (diminuição das tensões psíquicas), qual seja, a eliminação total das cargas de excitação, uma *pulsão* que tenderia em última instância à *morte*. “Desse modo, essa constatação origina, pois, uma fundada suspeita acerca da existência e da atuação, no aparelho psíquico, de princípios concorrenciais, ou ainda de processos e tendências ainda mais originários e primitivos que o princípio do prazer.” (Giacóia, 2008, p.35)

A relação entre segunda tópica e *pulsão de vida* e *de morte* é a seguinte: na segunda tópica há uma maior ligação entre consciente e inconsciente porque o ego (constituindo todo o consciente, mas não sendo todo ele consciente) tem uma estreita relação com o id,

sendo ele mesmo uma parte do id, sua camada superficial. Somente uma parte do id é reprimida, a outra parte é a energia que move também a consciência (ego). Contudo, uma parte da energia reprimida do id cria no ego uma formação reativa, o já mencionado superego, que também é inconsciente, apesar de fazer parte do ego. Tudo isso mostra que na segunda tópica não há uma tensão suficiente grande para criar os fenômenos psicopatológicos, os sonhos, etc., desde que o acesso do id ao consciente não é totalmente barrado. O mesmo se diz do superego que, apesar de não ser consciente, tem livre acesso à consciência por não ser reprimido.

Com a introdução dos conceitos de *pulsão de vida e de morte*, Freud introduz novamente a questão da tensão psíquica que, por sua vez, não se mantêm mais entre consciente e inconsciente, mas sim entre a dualidade dos impulsos de vida e de morte. Freud ainda vai além, buscando correspondência para seus conceitos em toda a matéria orgânica: “ambos os tipos de instintos estariam ativos em toda partícula de substância viva, ainda que em proporções desiguais, de maneira que determinada substância poderia ser o principal representante de Eros.” (Freud, *O Ego e o Id*, p.43).

A questão ontológica que se impõe reza sobre a natureza dessa dualidade pulsional que seria o fator dinâmico da vida em geral. Cito Freud: “E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências. O problema da origem da vida permaneceria cosmológico, e o problema do propósito da vida seria respondido dualisticamente.” (Freud, *O Ego e o Id*, p.43). Por revelar a natureza mais intrínseca a todos os processos psíquicos, analisarei melhor a questão suscitada pelos conceitos de *pulsão de vida e de morte* como sendo os motores subjacentes à própria vida, e, levando a análise inevitavelmente para o terreno das discussões ontológicas.

5.1. O Dualismo Pulsional em Freud

Começo esta parte sobre a questão do dualismo pulsional freudiano com uma pergunta: é possível tratar de um problema dessa natureza sem entrarmos em questões ontológicas? Freud, ao introduzir os conceitos de *pulsão de vida* e *pulsão de morte*, torna a questão referente à natureza ontológica da pulsão como um dos pilares mais básicos de toda sua metapsicologia, ao lado da questão referente à natureza quantitativa da pulsão. Cito Giacóia:

Assim a ontologia tem a ver com o estrato basal das explicações metafísicas, com o problema do ser ou do existente, considerado em geral... tem como ponto de partida, ou faz necessariamente asserções a respeito, um conjunto de elementos seminais, entidades elementares, que são os dados ou pressupostos fundamentais de toda teoria... o dualismo entre as pulsões de vida e de morte pode ser caracterizado como a base ontológica da metapsicologia e, por conseguinte, de toda a infra-estrutura teórica da psicanálise de Freud. (Giacóia, 2008, pp.22/23)

Já expus brevemente nesse texto a questão da permeabilidade de questões, valores, princípios, etc., que tornam os limites das diversas formas de manifestação do pensamento não tão rígidos quanto possa parecer. Isso quer dizer que ao tratar de um fenômeno qualquer a partir de uma metodologia específica (como no caso de uma ciência especializada), certas questões podem se impor sem que por isso caibam no arcabouço teórico tratado em tal metodologia. A metapsicologia, por sua função heurística, poderia estar livre de questões ontológicas, servindo apenas de ferramenta teórica na enunciação e entendimento de certos fenômenos clínicos. Novamente vemos que tal separação não é tão simples. Longe de encarar isso como um problema, o que faço aqui é uma constatação. Entendendo, inclusive, que essa questão ontológica se impõe, muito além de ser requerida. Isso revela uma característica própria, tanto da teoria freudiana, quanto da filosofia da natureza grega (pré-socráticos), a saber, entender tanto a natureza, quanto o mundo subjetivo, como composto por um jogo de forças análogo. Em Freud isso quer dizer:

entender a dualidade psíquica (pulsional) em consonância com a dualidade natural existente nos fenômenos vivos, como uma espécie de ontologia que os permeia, gerando a tensão entre uma tendência à continuidade e uma outra tendência ao retorno.

Freud ao fazer a *psico-análise*, elaborou justamente uma dissecação do aparelho psíquico em suas instâncias (tópicas primeira/segunda), nos princípios regentes dessas instancias (princípio de prazer/realidade), chegando ao nível das forças motoras desses princípios (pulsões de vida/morte), que povoam não só o aparelho mental, mas todos os organismos vivos, desde o protozoário até o homem, sendo por isso conceitos *ontológicos*. Isso fica claro se compararmos a idéia de um jogo de forças entre contrários em Heráclito (Col. Os Pensadores, 2000) como motor da natureza, a essência do *logos*. Ora, para Heráclito o mundo e seu próprio ser são correspondentes, por isso não há separação na maneira como se dá o conhecimento do mundo e sua ontologia. A aproximação com o período pré-socrático se torna mais evidente se entendermos que essa época foi marcada pela dualidade entre Parmênides e seus discípulos, que acreditavam que tudo tende ao repouso, e Heráclito e seus discípulos que defendiam o movimento perpétuo do *logos*, sendo esse a ordem subjacente de toda natureza.

Freud naturaliza as pulsões encontrando referências possíveis de seus efeitos na natureza, no mundo dos fenômenos. Ele busca essas referências nas células dos protozoários, na psique, e na ação geral do homem produtor de cultura. Freud faz isso por meio de analogias que buscam uma correspondência entre os fenômenos. Por exemplo, as características do *superego* que são análogas a certas características de instituições, como a igreja. O *superego* é ainda a instância psíquica onde melhor se manifestam as pulsões de morte. Essa correspondência entre cultura e natureza é concebida artificialmente pelo conceito metapsicológico. O que Freud faz ao buscar referências para sua ontologia é naturalizar o pensamento, ou seja, transformar a capacidade cognitiva análoga à natureza,

de maneira semelhante ao grego de Éfeso, Heráclito. Se a pulsão é um desvio do natural por ser meio psíquica, Freud ao mesmo tempo nos diz que a pulsão é natural, quando ele valida sua teleologia de eliminação de excitação no mecanismo de ação do sistema nervoso. Ela é um desvio na medida em que um evento não físico a funda, mas ela é natural na medida em que conserva uma ação natural, na forma de um processo análogo ao mecanismo do arco-reflexo do sistema nervoso.

Vemos assim que o pensamento freudiano transita por questões que não estão subordinadas a uma só episteme. O fato de podermos pensar questões ontológicas, epistemológicas, hermenêuticas, históricas, etc., quando lemos Freud não nos diz que ele tinha a intenção¹⁶ de construir uma cosmologia, ou filosofia da natureza, mas revela sem dúvida a riqueza de seu pensamento, permeado de questões que se manifestam nos mais variados âmbitos da ação humana. O conceito metapsicológico é esse ente lingüístico que possui “o melhor dos dois mundos” (Franciotti, 2008), sobrevivendo tanto no terreno das ciências naturais, quanto no das ciências do espírito, um híbrido concebido artificialmente por uma ferramenta chamada analogia. E a *analogia* é a tecnologia, no estrito sentido de técnica criada, que permite ao homem compreender tanto sua história individual, quanto universal (incluindo a história de seu organismo), reunindo as características que nos fazem entender o sentido dos acontecimentos, ao tempo em que nós mesmos criamos esse sentido.

5.2. Uma Questão ontológica inevitável

Freud ao explicitar seus conceitos *pulsão de vida e de morte*, coloca a *pulsão de morte* como tendo uma primazia sobre a *pulsão de vida*. Isso é assim, segundo ele, tanto

¹⁶ Sem querer aqui entrar no mérito da discussão sobre as intenções freudianas.

porque considerava a vida como sendo um desvio da morte, desde que do inorgânico surgiu o orgânico, quanto pela dificuldade de encontrar manifestações das pulsões de morte (*tanatos*) na psique (não patológica). Ora, enquanto Freud encontrava em abundância exemplos para as manifestações das *pulsões de vida (Eros)*, sendo a sexualidade o maior deles, não podia encontrar algo sólido para servir de exemplo como manifestação das *pulsões de morte*. Diz ele: “Não há dificuldade em encontrar um representante de Eros; mas temos de ficar gratos se podemos achar um representante do evasivo instinto (pulsão) de morte” (Freud, *O Ego e o Id*, p.45). Pelo fato de que as *pulsões de vida* povoam fartamente o *id* na forma de desejos sexuais e de auto-conservação, sendo transferidas como fator motor para as outras instâncias psíquicas e, sendo o *id* a primeira instância que se forma na psique, Freud então conjecturou que as *pulsões de morte* deveriam ser anteriores às manifestações de *Eros*, possuindo assim uma primazia ontológica. O argumento que corrobora essa primazia é que, como já exposto, a vida é um desvio da morte, desde que do inorgânico surgiu o orgânico. Ora, se a pulsão surge “da necessidade de restabelecer um estado anterior” (Freud, 1920, p.177), então a dinâmica pulsional em última instância tende a um retorno ao inorgânico e isso é a característica básica da *pulsão de morte*.

Em um certo momento, as propriedades da vida devem ter sido despertadas na matéria inanimada por uma ação de forças que não conseguimos imaginar... A tensão que foi gerada na substância até então inanimada buscava por todos os meios distencionar-se e desmanchar-se, e assim nasceu a primeira pulsão, a pulsão de retornar ao estado inanimado. Para essa substância viva, morrer ainda era fácil, pois a morte era provavelmente apenas um curto caminho de vida a ser percorrido e cuja direção já estava determinada pela estrutura química dessa jovem substância. Durante um longo período, a substância viva deve ter incessantemente brotado e morrido com facilidade, até o dia em que circunstâncias e forças externas determinantes se modificaram a tal ponto que a substância ainda sobrevivente teve de fazer desvios cada vez maiores no seu curso de vida original e percorrer caminhos cada vez mais complicados para poder alcançar o objetivo final de morrer. Esses desvios mais longos para chegar à morte foram preservados fielmente pelas pulsões conservadoras e nos permitem hoje visualizar o quadro geral de como a vida se manifesta... É como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, afim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto. (Freud, 1920, p.161/162)

Dessa forma a *pulsão de morte* teria uma primazia sobre a *pulsão de vida*. Isso significa dizer que o impulso mais primitivo de toda matéria orgânica seja voltar ao seu estado primeiro. Essa primazia também reforça a idéia de que o fim último da existência seja cumprir a exigência mais fundamental, o impulso primeiro, ou seja, uma volta ao inorgânico.

Contudo, a *pulsão de morte* só pode estar contida em algo que tenha ‘vida’, desde que a *pulsão de morte* não é ela mesma: *morta*. Para que não caiamos, pois, em uma contradição (e mesmo a psicanálise dentro de tudo que já foi discutido nesse texto não pode se valer de um hábeas corpus com relação a essa regra de construção de argumentos) somente de algo vivo pode surgir uma *pulsão de morte*, mas nunca de algo morto. A morte é o fato existente do qual ninguém pode negar, não precisamos de provas ontológicas da morte. Porém, uma *pulsão de morte* só pode existir onde existe vida, podendo ela ser entendida justamente como aquela força opositora da vida, necessária a todo movimento.

Tento deixar exposto que somente de algo vivo pode surgir uma *pulsão de morte*, nunca da morte em si. Por isso a matéria viva, que tem como um de seus pólos a *pulsão de vida*, que se manifesta como um impulso de continuação da vida, tão rica em exemplos em toda natureza observável, deve conter em si, necessariamente, algo que se lhe oponha, criando tensão, condição indispensável para a explicação de sua dinâmica finita. A matéria orgânica pode ser um desvio da matéria inorgânica, mas esse desvio já pode ser pensado em sua gênese como possuindo uma *dinâmica* que tende à vida, sendo que nesse ponto Freud usa a expressão: “...forças que não conseguimos imaginar” (Ibidem). Vale a ressalva que também não estamos entendendo a *pulsão de vida* como equivalente à idéia geral de *vida*, mas sim que a vida em sua manifestação mais fundamental já deve possuir uma tal

tendência. E, por ser finita, já deve conter em si uma dualidade pulsional que lhe seja oposta.

Entendendo a *pulsão de morte* como uma tendência a um estado anterior das coisas e, a *pulsão de vida* como a tendência à manutenção e continuação de um estado, assim como entendia Freud, temos que se o primeiro impulso de uma coisa (no caso em questão da matéria inorgânica) for uma volta a um estado anterior, tal coisa nunca sairia de seu estado primeiro. Por isso, se considerarmos a *pulsão de morte* como tendo uma primazia sobre a *pulsão de vida* o inorgânico nunca deixaria seu estado primeiro. Como vimos na citação acima, o argumento freudiano para negar essa objeção é o de que fatores externos do meio geraram a dualidade pulsional desde que o organismo precisava alcançar seu fim, a morte, por seus próprios meios. Ora, daí tem-se então que mesmo as pulsões de vida (Eros) são desvios da pulsão de morte, que precisou percorrer caminhos mais longos para alcançar o seu fim. O problema para sustentar esse argumento se deve a dificuldade encontrada pelo próprio Freud de achar exemplos que corroborassem a idéia das *pulsões sexuais* (de vida) possuírem a característica mais intrínseca das *pulsões de morte*, aquilo que o levou a postular sua existência. Cito Freud: “Entretanto, o que ainda nos incomoda é o fato de não podemos provar, justamente no caso da pulsão sexual, a existência de uma caráter de compulsão à repetição [*Widerholungszwang*]” (Freud, 1920, p.176). Freud viu esses problemas e no final do artigo *Além do princípio do prazer* argumenta que “se não quisermos abandonar a hipótese sobre as pulsões de morte, teremos de associá-las já desde o início às pulsões de vida” (Freud, 1920, p.177). Ou seja, o fato de não conseguir enxergar características da *pulsão de morte* nas *pulsões sexuais* significa não poder inferir que uma é derivada da outra. Entretanto, para sustentar suas teses, tal inferência é indispensável. O interessante é que, mesmo percebendo tais problemas, Freud mantém até o fim a concepção

da primazia da *pulsão de morte* sobre a *pulsão de vida*. Isso se deve ao fato de que, segundo Freud:

O problema é que raramente encontramos imparcialidade quando se trata das coisas últimas, isto é, dos maiores enigmas da ciência e da vida. Nesses casos, acredito que cada um de nós seja dominado por preferências internas profundamente arraigadas que imperceptivelmente dirigem e inspiram nossa especulação. Assim havendo tão boas razões para desconfiança, só nos resta adotar uma fria benevolência para com os resultados de nossos próprios esforços intelectuais. (Freud, 1920, p.179)

Ora, encontramos na própria argumentação freudiana algo que corrobora a idéia de que uma primazia pulsional não parece ser o caso. Cito Freud: “A tensão que foi gerada na substância até então inanimada buscava por todos os meios distencionar-se e desmanchar-se, e assim nasceu a primeira pulsão, a pulsão de retornar ao estado inanimado” (Freud, 1920, p.162). Se a substância então animada por esse jogo de forças conseguiu, mesmo que por um breve instante, se tornar matéria orgânica, independente de sua primeira aspiração pulsional de retorno ao inorgânico, então já devia existir algo que se opusesse a esse impulso de retorno. Por isso, mesmo sem perceber Freud já atribuía um caráter dual as pulsões, pois uma só uma pulsão que tencionasse desfazer-se não conteria os elementos necessários para o surgimento da vida orgânica, como exposto, e mesmo uma *pulsão de morte* não surgiria de algo morto. O problema da primazia ontológica da *pulsão de morte* seria o de que somente por uma tendência a um estado anterior das coisas o primeiro ser vivo nunca teria condições, mesmo com todas as condições externas propícias, de manter-se vivo e que, muito pelo contrário, estaria fadado ao inorgânico como seu estado perpétuo. É verdade também que se considerarmos a *pulsão de vida*, que possui a tendência à continuação de um estado de coisas, como tendo uma primazia ontológica, então temos o mesmo, qual seja, que o estado original não se alteraria e uma outra pulsão não surgiria daí. Talvez daí derivássemos a idéia de uma vida orgânica eterna, o que não parece ser o caso.

Por tudo, a questão da primazia ontológica só pode ser resolvida se considerarmos que tanto a *pulsão de vida* quanto a *pulsão de morte* são condições *sine qua non* uma da outra desde que quisermos explicar a dinâmica da matéria orgânica na forma de pulsões de continuidade (vida) e retorno (morte).

CONCLUSÃO

O conceito metapsicológico freudiano é uma espécie de ferramenta teórica que compara e une fenômenos e representações que aparentemente não tem relação. Ora, a relação entre o mito de *Édipo* e o princípio de constância de Fechner não é tão gratuita assim, e foi concebida junto com vários fenômenos clínicos interpretados a partir dos conceitos metapsicológicos. Os conceitos, junto com os fenômenos que servem para fundamentá-los (fenômenos biológicos), bem como os fenômenos que são interpretados a partir deles (fenômenos clínicos), formam um corpo teórico coerente dentro da teoria psicanalítica. A superestrutura especulativa, criada por Freud com o nome de

metapsicologia, se mostra como uma poderosa ferramenta teórica na construção de hipóteses.

Podemos perceber no decorrer desse texto que Freud construiu sua metapsicologia ligando tradições de pensamento que pareciam caminhar paralelamente, mas sem se tocarem. O conceito se mostra assim como possuindo em sua formação uma ambivalência entre ciências naturais e ciências do espírito. Nisso consiste o que estou chamando aqui de *revolução epistemológica* freudiana. A ambivalência do conceito metapsicológico funciona de maneira que ele é construído, por um lado, a partir de um pressuposto biológico que nos diz sobre o sistema nervoso. Tal pressuposto tem sua validação na metodologia experimental própria às ciências naturais, e por isso possui o caráter de determinismo dos fenômenos naturais. Esse determinismo, por sua vez, é transferido para os fenômenos clínicos, até então aparentemente contingenciais, dando condições de avaliá-los como fenômenos *determinados*. Ora, como exposto, não se faz ciência do aleatório, ou mesmo, do particular. Por isso, Freud ao buscar as respostas dos problemas clínicos, encontrou formas de representação dos fenômenos que pudessem servir de base para sua *interpretação*, de maneira que essa não fosse também dada ao acaso. Essa representação metapsicológica dá condições à psicanálise de *interpretar* a história individual, e encontrar nela traços universais que lançam luz à psique não só de indivíduos neuróticos (ou sintomáticos de maneira geral), mas também de todo ser humano.

A peculiaridade dos fenômenos psíquicos é a de que eles são em parte oriundos de fenômenos físicos, e em parte decorrentes da história individual. Isso é justamente a diferença mais fundamental entre as ciências naturais, e as ciências do espírito, desde que as primeiras tratam de fenômenos que são previsíveis e as segundas tratam, de maneira geral, do fenômeno humano (não de suas condições físicas) no tocante as suas disposições subjetivas e sociais. É clara a idéia que nos vem tanto das diversas psicologias, quanto das

ciências sociais e filosofia, no tocante ao fenômeno humano (individual ou social) conter o elemento da vontade, ou mesmo, da liberdade, assim como a história específica de cada um. Esses elementos são um complicador enorme quando se espera que fenômenos sejam previsíveis, determinados. Para dar conta desse elemento complicador Freud criou o conceito metapsicológico.

Em uma análise pormenorizada dos conceitos metapsicológicos constatou-se que eles possuem duas características fundamentais, a saber, uma econômica e outra dinâmica (quantidade e movimento). Essas duas características são o que propriamente promovem a ligação da premissa biológica (princípio de constância) com os fenômenos psíquicos observados na clínica, tais como os sintomas, os sonhos, etc.. O que Freud fez foi encontrar uma correspondência entre fenômenos determinados e indeterminados. A essa relação, de uma premissa biológica servir de fundamento para o entendimento de um fenômeno clínico, o professor Giacóia dá o nome de *derivação analógica*. Nisso consiste a metodologia freudiana de construção dos conceitos metapsicológicos. As características correspondentes servem então de base para que as analogias entre os fenômenos se dêem.

Quando avaliadas como sendo o fundamento da construção metapsicológica as características econômicas e dinâmicas revelaram ainda que os conceitos fundamentais da metapsicologia têm a função de lançar luz ao fenômeno *pulsional*. Ou seja, a *pulsão* é o fenômeno psíquico por excelência desde que é ela que congrega as características citadas. Vimos que isso é assim tanto na primeira quanto na segunda tópica. Na criação da segunda tópica fez-se necessária a introdução dos conceitos de *pulsão de vida* e *pulsão de morte*. Nessa nova avaliação da topografia mental Freud criou o que seria a base ontológica para sua metapsicologia. Vemos assim que por um lado a metapsicologia tem como base uma premissa biológica, e por outro lado se fundamenta em uma conceitualização ontológica, ambos os aspectos mantidos nos conceitos de *pulsão de vida* e *de morte*. Isso tudo diz sobre

a questão do estatuto epistemológico dos conceitos metapsicológicos. Eles não podem ser avaliados em nenhum *lugar* precedente, ou seja, não são conceitos ontológicos, nem biológicos, nem psicológicos, nem antropológicos, desde que congregam características de todos esses tipos de conceitualização. É um tipo de conceitualização original, uma espécie de *ontologia aplicada*, que revela uma aspiração do início do séc.XX de produção de uma ciência unificada.

É verdade que Freud não elaborou uma *epistemologia*, muito menos sistematizou o que aqui chamamos sua *metodologia*. Seu pensamento foi permeado tanto por metodologias e pressupostos das diversas ciências citadas, quanto por questões trazidas à tona pela interpretação de mitos. Podemos até dizer que, se por um lado o conceito metapsicológico possui em seu bojo pressupostos científicos (seja ciências naturais ou do espírito), ele também pode ser pensado como possuindo em sua formação uma relação estreita com a mitologia.

Nos textos freudianos percebemos essa maneira intuitiva com a qual ele transmite suas idéias. Contudo, é aceito como pressuposto fundamental desse trabalho que a obra freudiana pretende o status de conhecimento válido sobre a psique humana. A *revolução epistemológica* operada pela metapsicologia permite-nos avaliar, por tudo, a questão dos limites próprios aos *jogos de linguagem*, bem como a permeabilidade do pensamento e das questões que nele se impõem, que não se deixam prender tão facilmente pela rigidez de regras metodológicas.

Por tudo, acreditamos que a metapsicologia freudiana evoca uma revolução no seio da epistemologia na medida em que torna possível a construção de conceitos que possuam características de várias ciências (epistemes). Essa construção se dá encontrando os elementos nos fenômenos que possam servir de base para a feitura de analogias. Essas analogias transferem, por sua vez, características de um fenômeno a outro, no intuito de

explicá-los por características predicáveis em ambos. Isso revela uma característica do pensamento freudiano com relação ao seu entendimento do conhecimento. Esse deve poder ser integral na medida em que as várias áreas específicas do conhecimento tenham condições de dialogar. Cito Freud em um documento publicado em 1912 num periódico psicanalítico, no qual, junto com Ernst Mach, Albert Einstein, entre outros, pretendem lançar as bases para uma sociedade científica integralista:

Todos os pesquisadores interessados em problemas filosóficos, qualquer que seja a sua área de atuação científica, bem como a todos os filósofos, em sentido estrito, que esperam chegar a conhecimentos válidos somente através de um estudo aprofundado dos fatos da experiência (...) Essa sociedade tem por objetivo estabelecer uma conexão viva entre todas as ciências, desenvolver, em todas as áreas, conceitos unificadores e, assim, avançar em direção a uma concepção geral livre de contradição (Freud "Convocação para a fundação de uma Sociedade para a Filosofia Positivista" In- Giacoia, 2008,p.24)

Essa citação nos mostra que Freud teve sim uma motivação integralista com relação ao conhecimento. Motivação essa que procuramos deixar exposto através da análise pormenorizada de sua metapsicologia, encontrando em seus fundamentos um composto integrativo entre ciências naturais e do espírito.

- BIBLIOGRAFIA -

ABRÃO, Bernadette Siqueira (Org.). *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Coleção Os Pensadores)

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud: A Filosofia e os Filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. *Freud e Wittgenstein*. Lisboa: Campus, 1990.

BOUVERESSE J. *Wittgenstein reads Freud The Myth of the Unconscious*. California: Princeton and Columbia, 1996.

CARNAP, Rudolf; et al. "A Concepção Científica do Mundo - O Círculo de Viena". In *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, n. 10, 1986.

- COSTA, Cláudio. *Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Coleção Filosofia passo-a-passo)
- DARWIN, Charles. *El Origen de las Especies*. Trad. José P. Marco. Ed. Especial. Título original: *Origin of Species by Means of Organic Affinity*. Barcelona: Editorial Bruguera, 1979.
- FOUCAULT, M. (1994). *O nascimento da clínica* (4a ed.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (s.d.). *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas* (A. R. Rosa, trad.). Lisboa, Portugal: Portugália. (Originalmente publicado em 1966)
- FRANGIOTTI, Marco Antonio. *Contribuições de Wittgenstein à epistemologia da Psicanálise*. Florianópolis. Disponível em: <http://geocities.com/marcofk2>. Acesso em: 22 jul. 2007.
- FREUD, Sigmund. (1900) *A interpretação de sonhos*. vol.5 da Edição standard brasileira das obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- _____. (1905) *Chistes e sua relação com o inconsciente*. vol.8, idem.
- _____. (1911) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. vol.12, idem.
- _____. (1915) *O Inconsciente*. vol.14, idem, 2000.
- _____. (1927) *O futuro de uma ilusão*. vol.21, idem.
- _____. (1930) *O mal-estar na civilização*. vol.21, idem.
- _____. (1938) *Moisés e o Monoteísmo*. vol. 23, idem.
- _____. *Cinco Lições de Psicanálise*. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os Pensadores)
- _____. *A História do Movimento Psicanalítico*. idem.
- _____. *Esboço de Psicanálise*. idem.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Pulsões e Destinos da Pulsão (1915)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004a.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: O Recalque (1915)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004b.

- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Algumas Observações sobre o Conceito de Inconsciente em Psicanálise (1914)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004c.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004d.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: O Inconsciente (1915)*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos (1917)*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006b.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Luto e Melancolia (1917)*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006c.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: Além do Princípio do Prazer (1920)*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006d.
- _____. (1923) *O Ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FULGENCIO, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Natureza humana*, 5(1), 127-164.
- _____. (1998): “O abandono da hipnose e a leitura metapsicológica dos sintomas”, *Percurso*, ano 11, n. 21, pp. 59-66
- _____. 2002a: “A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa”, in *Àgora. Estudos em teoria Psicanalítica*, Vol. 5, nº 1, Janeiro/Junho de 2002, pp. 101-111. Rio de Janeiro, Contracapa.
- GABBI, O. F. (1994). *Freud: racionalidade, sentido e referência*. Campinas, SP: Unicamp/CLE.
- GARCÍA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana: Sobre as Afasias, O Projeto de 1985*. vol.1. 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.
- _____. *Introdução à Metapsicologia Freudiana: A Interpretação dos Sonhos (1900)*. vol.2. 7.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.
- _____. *Introdução à Metapsicologia Freudiana: Artigos de Metapsicologia*. vol.3. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. *Freud e o Inconsciente*. 15.ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- GIACOIA, Oswaldo. *Além do Princípio do Prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GRÜNBAUM, A. (1984). *The foundations of psychoanalysis: A philosophical critique*. Berkeley, CA: University of California Press.
- HEMPEL, C. *Filosofia da Ciência Natural*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005. (coleção Os Pensadores)
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003
- KNOBLOCK, F. (Org.). (1991). *O inconsciente: várias leituras*. São Paulo: Escuta.
- LAPLANCHE, Jean. *Life and Death in Psychoanalysis*. London: The Johns Hopkins, 1985.
- LIPPS, T. (2001). O conceito de inconsciente na psicologia. *Natureza Humana*, 3(1), 335-356. (Trabalho original publicado em 1897)
- LOPARIC, Z. (1999b). É dizível o inconsciente. *Natureza Humana*, 1(2), 323-385.
- _____. (1991). Um olhar epistemológico sobre o inconsciente freudiano. In F
- _____. (1985). Resistências à psicanálise. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, (8), 29-49..
- MACHADO, Jorge A. T. (org.) 1999: *Filosofia e psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre, EDIPCRS.
- _____. (Org.). (1999). *Filosofia e psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre: EDIPCRS.
- MARGUTTI, Paulo Roberto... [et all.], (Org.). *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MERLEAU-PONTY, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. Moura, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945. Título original: *Phénoménologie de la perception*)
- _____. (1984). *Textos selecionados* (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.
- MONZANI, L. R. (1988). *Discurso filosófico e discurso psicanalítico*. *Novos Estudos CEBRAP*, (20), 119-136.

- _____. (1989). *Freud: O movimento de um pensamento* (2a. ed.). Campinas, SP: Unicamp.
- PLATÃO. Diálogos: *Eutífron; Apologia de Sócrates; Críton; Fédon*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (coleção Os Pensadores)
- POLITZER, G. (s.d.). *Crítica dos fundamentos da psicologia* (C. Jardim & E. L. Nogueira, trads.). Lisboa, Portugal: Presença. (Título original: *Critique des fondements de la psychologie*)
- POPPER, Karl . *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo : Cultrix, 1989
- _____. *Conjeturas e Refutações*. Brasília: UNB, 1986.
- PRADO, B., Jr. (1991). *Georges Politzer: Sessenta anos da crítica dos fundamentos da psicanálise*. In- B. Prado Jr. (Org.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 9-28). São Paulo: Brasiliense.
- HERÁCLITO & PARMÊNIDES. *Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (coleção Os Pensadores)
- PRIBRAM, K., & GILL, M. (1976). *O projeto de Freud: um exame crítico*. São Paulo: Cultrix.
- RAIKOVIC, Pierre. *O Sono Dogmático de Freud: Kant, Schopenhauer, Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (Transmissão de Psicanálise)
- REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. *Historia da Filosofia: Do Romantismo até Nossos Dias*. 6 ed. São Paulo: Paulus, 2003. (3v)
- ROCHA, Zeferino. *O Inconsciente e o Trieb freudiano*. In- *Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro- TRIEB*. Org. ROCHA, Fernando; PASSOS, Marci; FRANKENTHAL, Viviane. Rio de Janeiro: Dumará, 2002.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005. (coleção Os Pensadores)